



3por4



Versus Mães Maias Fronteira Ilusão Americana Chávez La Paz Chaves Che GALEANO

# AMÉRICA LATINA

Montevideu Libertadores Arte Cine Independente Pirataria Religião Palavras Aprisionadas



Seria inútil tentar conceituar a América Latina. O mais apropriado nos parece ser apresentá-la em alguns de seus mais diferentes aspectos – talvez daí, como sustenta Eduardo Galeano em sua entrevista, encontremos o caminho para uma identidade latino-americana, das diferenças. Assim, nesta edição da 3por4, o leitor se confrontará com um pouco das nuances da história, da cultura e das pessoas dessa terra tão inexplicável.

Um dos exemplos disso é a concepção do tempo pelo povo Maia, um dos mais desenvolvidos antes da colonização luso-espanhola. E o papel do cristianismo na catequização dos índios que aqui viviam. Ou a luta de mães de presos políticos, que se tornou um ícone de resistência ao regime militar, perdurando por algumas décadas do século recém findado, em diversos países da América Latina.

Em tempos de efervescência política na Venezuela, Uruguai, Equador e Bolívia, é recorrente a evocação de mitos como Che Guevara e Simon Bolívar, que marcaram os latino-americanos com a sua imagem revolucionária (absorvida pela indústria cultural, que tratou de transformá-la em estampa). E palavras como a do escritor uruguaio Eduardo Galeano nos fazem olhar para as nossas próprias feridas, se não para curá-las, no mínimo para dar-nos conta que estão lá.

Nossa cultura pode ser vista através de diversas origens. O futebol, por exemplo, é uma paixão comum. E arte tão valiosa quanto a que fazemos nos gramados é a que expomos nas telas do cinema e nas bienais da vida, ainda tão escassas perante a quantidade e qualidade de obras latino-americanas dignas de exposição.

O material com que nos deparamos em nossas pesquisas se mostrou tão interessante que acabamos produzindo matérias grandes demais para o espaço que possuíamos. Tão penoso quanto editar esse volume de informações foi tentar conter uma terra tão viva e latente nestas poucas páginas. ■

# Tudo pelo

# Jornalismo

# romântico

por Wladimir Ungaretti

[ungaretti@orion.ufrgs.br]

*É curioso como algumas histórias se fixam em nossas mentes. Para um pequeno grupo da minha geração, que iniciava sua militância política em torno dos anos 70 e que, paralelamente, começava a dar os primeiros passos no Jornalismo, sempre existiu uma forte relação entre as publicações Marcha (uruguiaia), Crisis (argentina) e o jornal Versus, criado por Marcos Faerman. Uma ligação decorrente de uma determinada concepção de Jornalismo. E nessas publicações, no Versus, assim como em Marcha e Crisis de Eduardo Galeano, a marca era a elegância do texto, tendo como pano de fundo "Operación Masacre", do argentino Róldolfo Walsch. Um sentido de Jornalismo como subversão. É possível que na imaginação de Marcos Faerman houvesse laços de caráter orgânico entre estas publicações.*

Passaram-se pouco mais de 30 anos, e uma turma de estudantes de jornalismo, responsáveis no atual semestre pela produção e edição do jornal laboratório 3por4, consegue superar algumas dificuldades iniciais e estabelece um determinado consenso: América Latina. Avançamos, e a proposta é uma homenagem ao jornal Versus, que, em sua primeira fase, tinha os temas latino-americanos como o fio condutor. E, ao discutirmos a entrevista central, colocou-se um desafio. Dentro do que se escolheu, o máximo seria uma entrevista com Eduardo Galeano. Como professor, que coordena a edição, tenho sempre proposto iniciarmos a discussão do nome para a entrevista pelo máximo. Este grupo aceitou o desafio. O resultado é esta bela entrevista que estamos colocando à disposição de todos os estudantes de Jornalismo, cercada por outros textos, igualmente importantes, por serem também resultantes dos desafios que cada um se propôs.

Não me importa que tenha sido descoberto que não eram tão entrelaçadas as histórias (reais) de Marcha, Crisis e Versus. O que resulta de mais importante desta edição é que, novamente, de forma discreta, não professoral, consegui espalhar algumas sementes. Um grupo foi a Montevideu realizar a entrevista com Galeano. Todos se envolveram em leituras e pesquisas e, pela primeira vez, viram uma coleção do jornal Versus, bem como exemplares das revistas Marcha e Crisis.

Dedico todo o meu trabalho do semestre ao jornalista gaúcho, brasileiro e argentino, preso em Buenos Aires e desaparecido, Jorge Basso (nome de guerra "Felipe"). Militei com ele tanto no movimento estudantil como, posteriormente, nas portas das fábricas de Porto Alegre, em incansáveis tentativas de organizar células de base do POC (Partido Operário Comunista). "Felipe" era um dos integrantes da Coordenação Regional Operária, grupo responsável por todo o trabalho de base da organização. Distribuíamos um jornal (mimiografado) de nome Resistência Operária, quase todo escrito por nós mesmos, com notícias das lutas dentro das fábricas. "Felipe" foi, talvez, pelo menos aqui no Sul, um dos poucos militantes a, de fato, entrar para uma fábrica metalúrgica na condição de operário. Perseguido em nosso país, ele foi para o Chile. Estudou história em Santiago, mas, com o golpe militar contra o governo Allende, Jorge Basso seguiu para Buenos Aires, onde morava seu avô. O governo era de Isabelita Perón. Durante algum tempo, sem sofrer qualquer tipo de perseguição, escrevia para jornais da Europa, em especial para periódicos da Suíça. Com o golpe militar e a posse do general Rafael Videla, sua situação mudou; pois, quase que imediatamente, passou a ser procurado. Ele se dizia – e era – um intelectual orgânico da classe operária. Ia para as portas das fábricas. Estudava muitas horas por dia. Tinha sempre um livro dentro de uma velha pasta, da qual nunca se separava. Contando um pouco de sua história às novas gerações, homenageamos um brasileiro internacionalista que acreditava na possibilidade de construir um mundo mais justo. ■

**Ousar lutar, ousar vencer.**



# Expediente

3POR4 é uma publicação experimental da disciplina Redação Jornalística IV, produzida pelos estudantes de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, sob a orientação do Professor Wladimir Ungaretti.

## Conselho Editorial

Moisés Sbardelotto, Nanda Isele Gallas Duarte, Paulo Roberto Sbaraini Lunardi, Rovani Freitas

## Redação

Anderson Dressler, André Crespani, Carine Leal, Clarice Basso, Felipe Rech, Helena Furtado, Inácio do Canto, Josemari Quevedo, Lívia de Paula, Moisés Sbardelotto, Nanda Duarte, Paulo Lunardi, Pedro Moraes, Pedro Sevante, Pedro Mariense, Priscila De Martini, Rafael Aiolfi, Rovani Freitas, Sara Bodowsky, Virgínia Caetano Baumhardt

## Revisão

Carine de Souza Leal, Cleber de Souza Corrêa, Gabriela Matielo da Silva, Lívia Paula Ribeiro de Paula, Marina Mattioni Schardong, Priscila De Martini, Sara Bodowsky, Virgínia Caetano Baumhardt

## Projeto Gráfico e Editoração

Marina Guerra e Paula Quintas

## Impressão

Gráfica UFRGS

## Tiragem

1000 exemplares

## Agradecimento

A edição anterior da 3por4 - "Ela está entre nós" -, relativa ao semestre 2004/02, teve uma tiragem final de 6000 exemplares, graças à colaboração da Pró-Reitoria de Graduação/UFRGS, Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre e Fundação Médica do Rio Grande do Sul.

# Ditadura versus Cultura

por Inácio do Canto

Segundo seu criador, Marcos Faerman (1944-1999), o jornal Versus nasceu de um delírio que teve quando estava em Cuiabá (MT), trabalhando para o Jornal da Tarde, no auge da linha-dura. Disse ter se enchido de emoção com o crepúsculo daquela cidade, centro geodésico da América do Sul, e se apaixonado pela idéia de uma publicação que falasse de índios e da história dos povos latino-americanos, que misturasse realidade e ficção, "que tivesse aquele pôr-do-sol".

Faerman, porto-alegrense, trabalhava na Zero Hora quando do golpe de 64 e lá criou, junto com Luis Fernando Verissimo, um caderno de cultura, embrião do Versus, que só nasceu na São Paulo de 1975, época em que abundavam jornais alternativos. Mas o Versus se diferenciava dessas publicações já na abrangência geográfica de seu interesse, pois falava de toda a América Latina, denunciando os governos totalitários que então vigoravam. Essa *latinidad* resultou, em boa parte, da admiração que Faerman tinha pelo semanário uruguaio *Marcha*, cujos textos assinados por autores como Benedetti, Neruda e Garcia Márquez foram muitas vezes republicados.

De acordo com Bernardo Kucinski, autor do Livro *Jornalistas e Revolucionários*, o Versus criou uma "cosmovisão que tem a América Latina como centro e o imperialismo como força centripeta, desagregadora".

"É o nascimento de uma América Latina para o intelectual brasileiro, que não a conhecia", afirma o crítico literário Flávio Aguiar. A amplitude temática do Versus era histórica também, pois se valia de alegorias, de mitos, de mártires do imaginário sul-americano para evidenciar a perpetuação de abusos ao longo dos séculos.

Mas a grande revolução do Versus foi estética. *New-journalism*, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura, poesia: todos elementos fundidos em um projeto gráfico que buscava ser ao mesmo tempo belo e tenso, que usava muitas cores fortes e uma diagramação chocante. Essa ousadia, fruto também das experiências com drogas alucinógenas que alguns de seus artistas gráficos praticavam, ajudou a fazer da revista um objeto bonito, auxiliando a alcançar a marca de 35 mil exemplares vendidos por edição, entre julho e novembro de 1977.

Dois temas recorrentes nas edições do Versus são a morte e o medo. É a paranóia da ditadura, de quem não consegue esquecer os desaparecimentos de colegas, os exílios e as torturas físicas e psicológicas. Uma abordagem subjetiva e metafórica, completada por um contraponto analítico, o que permitiu a absorção de seu conteúdo por um público variado. Mas ausente da análise política que caracterizava tantas outras publicações alternativas - portavozes de organizações de esquerda, em verdade - e que se fez necessária à medida em que abrandava a ditadura.

Essa ausência doutrinária deu espaço a um gradual aumento da participação de militantes na produção do Versus. Auxiliados pela negligência do próprio Faerman - que a partir de certo ponto foi seduzido pela possibilidade de ter aspirações políticas -, esses militantes transformaram o Versus em quase panfleto da Convergência Socialista, organização então clandestina e hoje tendência do PT. A inevitável perda de qualidade pela escolha do discurso panfletário, auxiliada pelo abandono de Faerman e alguns outros jornalistas de ofício, definiu o destino do Versus, que em outubro de 1979 lançou sua 34ª e última edição. ■



Quando o assunto é ditadura militar, aparecem histórias de guerrilheiros, artistas engajados, militares e torturadores. Eles foram os protagonistas de um período do qual se sabe pouco, por mais que se fale muito. Por ideologias diferentes, algumas pessoas mataram. Outras morreram. Mas existem personagens que se envolveram na ditadura por outro motivo: preservar a vida de um familiar. Nessa luta, mulheres tomaram o fronte do combate. Sem armas, mas com muita coragem, elas brigavam pelo reconhecimento da prisão de seus filhos e, posteriormente, por melhores condições carcerárias. Tentaram garantir mínimos direitos humanos, justamente em um período que se caracterizou pela ausência destes. São histórias de mães, irmãs... mulheres.

# Arquivos da Luta do Mulheres Desarmada

por Clarice Basso [claricebasso@yahoo.com.br] e Rafael Aiolfi [rafa402poa@yahoo.com.br]

3por4  
4

## Uma mãe: Ruth Ungaretti



foto: Clarice Basso

Brasil, 1971. Ruth Ungaretti\* costura roupas para sustentar a casa. Alheia aos movimentos da rua, concentra-se nos últimos detalhes do vestido de uma cliente antiga. De repente, um bilhete é jogado debaixo da porta. "Seu filho está preso no Doi-Codi, em São Paulo." O recado é anônimo. Ruth reluta em acreditar naquelas poucas palavras. A frase curta continha um significado nas entrelinhas. O filho poderia morrer a qualquer instante. Ele era comunista.

Brasil, 2005. Passados 34 anos, Ruth faz um balanço da experiência que marcou sua vida. Ela apresenta a visão de uma mãe que não mensurou os perigos na luta pela preservação da vida do filho. No início dos anos 70, quando soube que Wladimir Ungaretti estava preso, ela não hesitou em deixar Porto Alegre rumo ao Sudeste. Ao chegar em São Paulo, percebeu que a batalha para reencontrá-lo seria longa. Havia um clima de medo em virtude da constante repressão. "Eu saía como uma louca pelas ruas, mas não descobria nada", explica. Por uma série de coincidências, Ruth entrou em contato com um investigador da polícia, que acabou revelando o paradeiro de Wladimir: "Ele está preso na 34ª Delegacia da rua Tutóia, próximo ao estádio do Ibirapuera", disse o informante.

## Encontros e reencontros

Com o endereço da prisão, o reencontro poderia acontecer a qualquer momento. Wladimir fora capturado no dia 6 de agosto de 1971 pela Oban (Operação Bandeirantes), movimento patrocinado por alguns empresários paulistas que conseguiu, através de prisões, torturas e assassinatos, desarticular diferentes grupos de resistência. A história do bilhete jogado por baixo da porta foi uma invenção de Ruth para não revelar a identidade daquele que desvendou o paradeiro de seu filho. Passados mais de 30 anos, ela ainda se recusa a revelar o nome do informante. "Não falo, nem sob tortura", ironiza. No dia 8 de setembro de 1971, em uma sala escura, sob a mira de metralhadoras, a mãe reencontrou Wladimir. "Ele estava magro, com as roupas rasgadas e os pés descalços. Foram poucos movimentos e muitas lágrimas. A cada abraço, meu filho sussurrava nomes de outros militantes que também estavam presos", recorda.

A primeira missão fora cumprida. A partir do reencontro, Ruth passou a ajudar outros presos políticos. "Essa experiência fez com que eu me interessasse mais por política", avalia. Ainda em

São Paulo, a mãe de Wladimir enfrentou um dos momentos mais tensos de sua vida. Ao buscar uma autorização da polícia para adquirir um remédio com o objetivo de tratar a disritmia do filho, Ruth foi até as dependências do Dops. Enquanto aguardava o documento, foi surpreendida com a chegada de um homem sisudo. O diálogo ainda está preservado em sua memória:

- O que a senhora quer?
- Primeiro, boa tarde.
- Eu não costumo receber mães de presos. Hoje não é dia de visita.
- O senhor há de convir que eu moro em Porto Alegre e não posso escolher o dia de visita.
- Pare de andar, sente-se.
- Eu não sou sua subordinada. Eu estou nervosa e não posso ficar parada.
- Mas tem que me obedecer.
- Acalme-se senhor. Com quem estou falando?
- Sérgio Fernando Paranhos Fleury.

O nome ecoou pela sala. Fleury ficou conhecido como o delegado-chefe do Esquadrão da Morte. A sua experiência na caça aos ladrões acabou sendo utilizada pelos militares no combate a grupos de esquerda que optaram pela luta armada. Das várias ações em que atuou, uma das mais conhecidas se realizou em 1969, no cerco que assassinou Carlos Marighela. Na época, Ruth pouco sabia sobre o currículo de Fleury. Mas conseguiu a autorização que buscava.

Com a ajuda de José Carlos Dias, um dos advogados mais importantes dos presos políticos, Wladimir foi transferido para o Dops em Porto Alegre. Depois, foi encaminhado para a Ilha Presídio do Guaíba. No Estado, Ruth se juntou a outras mães para, dentro do possível, lutar por melhores condições carcerárias. "Eu me uni muito à Marieta, mãe do Carlos Araújo, e à Carminha, mãe do Carlos Teixeira De Ré", explica. Aos domingos, uma barca levava os familiares dos presos até a ilha. "Lembro que um policial arrebentou a fazenda da minha blusa para ver se eu tinha alguma coisa dentro do punho", conta. Não havia nada. No entanto, foi uma dica para Ruth, que passou a levar bilhetes, dinheiro e outros apetrechos dentro na manga. "Eu era uma espécie de informante."

\*A escolha de Ruth Ungaretti como fonte da matéria é de responsabilidade dos repórteres, não havendo interferência do professor orientador da disciplina, Wladimir Ungaretti.



Ruínas da Ilha Presídio do Gualba, desativada em 1983.

## Rumo a Santiago

Em 1972, Ruth foi a Santiago levar dinheiro para os militantes que haviam buscado asilo político no Chile. Ela recorda que viajou com um casaco de lã que tinha uma gola falsa. Dentro dela, estavam escondidos muitos dólares. Quando estava em Mendoza, na Argentina, aguardando um voo para a capital chilena, enfrentou um inimigo invisível: o calor. "Estava muito quente mas eu não podia tirar o maldito casaco", diz. Uma nevasca nos Andes havia interditado o acesso a Santiago por terra. A única opção era o avião. Mas sobravam passageiros e faltavam passagens. No final do décimo dia de espera, percebeu que só mentindo conseguiria embarcar. Alegou que sua filha estava hospitalizada no Chile em estado muito grave. A informação não comoveu a tripulação da Aerolíneas Argentinas. Para atrair de vez a atenção do comandante, simulou um desmaio. "O carregador ficou apavorado e jogou água na minha cara. Dois minutos mais tarde, eu estava dentro do avião." Na mala, produtos típicos do Brasil, como a cachaça. Ruth não realizou um dos sonhos de sua vida, que era conhecer de perto a Cordilheira dos Andes. Em compensação, levou esperança para os brasileiros que deixaram o país após o golpe de 64.

Ao voltar para o Brasil, a luta pela liberdade do filho continuou. Após o julgamento, Wladimir foi condenado a um ano e oito meses de prisão – exatamente o tempo que estava na cadeia. Ruth lembra que no dia da libertação, ela organizou uma grande festa, reunindo amigos e familiares. "Eu tinha que comemorar, depois de tanto sofrimento", afirma. Na sua opinião, a experiência tornou-a mais forte. "Só me arrependo de uma coisa: não ter brigado ainda mais."

## Uma irmã: Loveli Pacheco

Loveli Pacheco sempre desconfiou que o irmão, Calino, estava ligado a grupos de esquerda. Naquela tarde de 1970, entretanto, ela queria apenas matar a saudade do irmão, com quem não mantinha contato há dois anos e se hospedara em sua casa na manhã do mesmo dia. Após o almoço, Calino saiu sem explicar aonde iria. E não voltou para casa. Casada com um capitão da Brigada Militar, sem nunca ter se envolvido em política, Loveli se assustou ao ter seu apartamento revistado por militares. No momento da invasão, ela concluiu: o irmão estava preso.

Militante de esquerda desde a adolescência, Calino avisou a família em 1968 que iria trabalhar em São Paulo. Na verdade, ele participava da VAR Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares) e vivia clandestino no Rio de Janeiro. Loveli não sabia o real motivo da visita do irmão. Calino fora escolhido para voltar ao Rio Grande do Sul com o objetivo de descobrir por que o contato do movimento no Estado havia sido cortado.

## A captura

Logo que chegou à capital, ele foi ao ponto de encontro onde um militante desconhecido deveria esperá-lo com informações. Quando viu um homem andando no sentido anti-horário da quadra, com uma revista debaixo do braço – os sinais combinados para se identificar – Calino falou uma senha. Deveria escutar a contra-senha. No entanto, no mesmo instante, policiais disfarçados pularam sobre ele. Os militantes de Porto Alegre estavam presos e, sob tortura, haviam revelado os códigos do grupo. Assim que foi capturado, Calino falou onde estavam seus pertences. Ele entregou o endereço da irmã, pois sabia que não iriam fazer nada contra a esposa de um militar graduado.

## Cigarros e reencontros

Loveli iniciou sozinha a busca, antes mesmo de avisar a mãe, que morava no interior. A procura passou pela Secretaria de Segurança, quartéis, delegacias. Após uma semana quase interminável, ela soube que o irmão estava no Dops, mesmo prédio que abriga hoje o Palácio da Polícia.

Com muita insistência, Loveli conseguiu que perguntassem se Calino necessitava de algo. Apesar de não fumar, ele pediu cigarros para os companheiros. Quando os militares trouxeram a resposta, ela ameaçou fazer um escândalo. Como sabia que o irmão não era fumante, pensou que estivesse morto. Sem entender o que acontecia, Calino foi arrastado pelos cabelos até a presença da irmã. O objetivo era evitar que o caso viesse a público. O episódio foi uma vitória contra o regime ao romper o isolamento de um preso político, o que raramente acontecia. Foi a chance de Loveli confirmar, como já desconfiava,

que o irmão estava sendo torturado. Durante todo o encontro, um soldado estava presente. Quando Loveli perguntou se estava sendo bem tratado, Calino só pôde confirmar. Mas, em um momento de distração do sentinela, o irmão aproveitou para levantar a camisa e mostrar as marcas da violência. "A tortura era praxe, não era exceção. Mas eles sabiam fazer isso sem deixar nenhuma marca aparente", recorda o ex-prisioneiro.

## Força materna

Assim que veio do interior para Porto Alegre, a mãe se juntou a Loveli na luta pela liberdade de Calino. As duas freqüentavam o Dops para enviar agasalhos, alimentos e materiais de higiene. Depois de alguns meses, conseguiram que Calino fosse transferido do Dops, onde os interrogatórios eram mais violentos, para a Ilha Presídio do Gualba. Foi apenas nessa segunda prisão que Calino pôde reencontrar sua mãe. Ao rever o filho, ela começou a chorar sem cessar. Diante do desespero da mãe, Calino foi firme. "A situação aqui não é fácil. Eu estou preso e não sei por quanto tempo vou ficar. Chorar não vai adiantar", aconselhou. No mesmo momento, a mulher superou suas forças e secou as lágrimas. Desde a primeira visita, passou a apoiar o filho sem lamentações, apesar da dor de vê-lo aprisionado e da incerteza do próximo encontro. E esse apoio não parou até o dia em que Calino foi solto.

Contar a história da América Latina significa refletir sobre os regimes autoritários que se firmaram no continente a partir da segunda metade do século 20. As mulheres tiveram uma posição vital na luta pela retomada da democracia. Sejam em histórias individuais, como as de Ruth Ungaretti e Loveli Pacheco, ou em organizações que agregaram forças. Na Argentina, mães de desaparecidos políticos criaram um movimento internacionalmente conhecido, As Mães da Praça de Maio. No Brasil, passados mais de 20 anos do fim do regime militar, ainda pairam muitas dúvidas que, aos poucos, vão sendo esclarecidas. Em maio deste ano, por exemplo, foram encontrados os restos mortais da militante Jane Vanini, assassinada no Chile em 6 de dezembro de 1974. O que ainda está por vir? Se os arquivos secretos forem abertos, o Brasil terá a chance de conhecer mais uma versão de sua história. Enquanto isso não acontece, a memória dos personagens da época lança um outro olhar sobre os fatos. ■

34ª Delegacia da rua Tutóia, próxima ao Ibirapuera, o maior centro de tortura da época.





# Maias

por Livia de Paula  
[liviardpaula@hotmail.com]

## os senhores do tempo



Caminhando pela orla do Guaíba dias antes do 5º Fórum Social Mundial, deparei-me com um grupo de pessoas que desembarcavam de um ônibus colorido. Empolgada pelo clima de liberdade que começava a tomar conta de Porto Alegre, não tive dúvidas, fui falar com eles:

- Oi! De que cidade vocês são?  
- Ih, essa pergunta é difícil de responder - disse uma menina sorridente. Tem gente de muitos lugares neste ônibus - acrescentou ela.

NÔMADES GALÁCTICOS era o que estava escrito na lateral daquele antigo veículo. Após a leitura, pude entender porque ela tinha achado minha pergunta difícil.

- Já está quase na hora do pôr-do-sol. Vamos fazer a Prece às Sete Direções Galácticas. Você quer participar?

Sem entender direito o que acontecia, mas confiante nos olhares sinceros daquelas pessoas que acabara de conhecer, aceitei o convite. Formamos uma grande roda, na qual saudamos o Sol e as forças da natureza. O ritual foi finalizado com as seguintes palavras:

**"AH YUM HUNAB KU EVAN MAYA E MA HO".**

(Em maiá: "Salve a harmonia da mente e da natureza".)

**A CULTURA GALÁCTICA VEM EM PAZ.**

Por conta desses acontecimentos, descobri que, a partir daquele dia, estava nascendo a Aldeia da Paz. No decorrer do Fórum, foram realizados rituais, oficinas, danças sagradas, círculos mágicos e inúmeras interações que emocionaram os visitantes. Ali, todos faziam parte da Rede de Arte Planetária, que apóia o Movimento Mundial pela Paz, tendo como instrumentos de difusão a bandeira e o Calendário da Paz, também conhecido como Calendário das 13 Luas ou Calendário Maia.

No primeiro dia em que participei da Prece às Sete Direções, sai de lá meio confusa: "Calendário da Paz? Treze Luas? O que os Maias têm a ver com tudo isso?"

### A antiga Civilização Maia

Os Maias, uma das mais extraordinárias civilizações pré-colombianas, ocuparam a América Central por mais de 20 séculos e alcançaram seu apogeu entre 435 d.C e 830 d.C. Nesse período, atingiram um alto grau de evolução, construíram estradas e monumentos religiosos colossais, com inacreditável precisão matemática. Além disso, possuíam avançados conhecimentos sobre ciência e astronomia, calculando com surpreendente exatidão (e sem nenhuma sofisticação tecnológica) as fases da Lua, a trajetória de Vênus e o ano solar. Utilizavam uma escrita hieroglífica e foram um dos primeiros povos a ter noção do número zero.

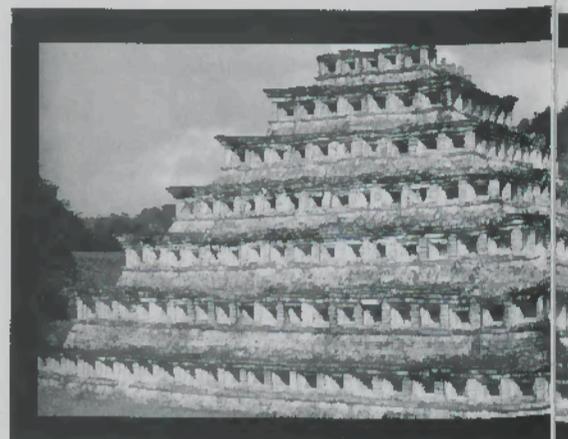
Graças a esses conhecimentos matemáticos e aos estudos do movimento dos astros, os Maias desenvolveram uma precisa forma de contagem do tempo, harmoniosamente sincronizada com os fenômenos da natureza. Aliás, toda a sua cultura estava centrada na concepção que tinham do tempo.

Estas gentes empregavam certos signos ou certas leis com que inscreviam nos seus livros a história antiga e as suas doutrinas. Graças a estas letras, assim como a desenhos e figuras, compreendiam a história, faziam-na compreender aos outros e podiam ensiná-la.

Encontramos grande número desses livros e, como continham apenas superstições e mentiras diabólicas, queimamo-los todos, apesar do grande desgosto e desespero dessas gentes. (O Enigma dos Maias, página 9, de Paulo Guirão.)

Essas foram as palavras escritas, em 1562, por Dom Diego de Landa, monge franciscano encarregado de reprimir a heresia nas províncias de Yucatán e Guatemala, relatando suas ações nas terras recém conquistadas pela majestade católica da Espanha. Além de condenarem à destruição na fogueira a maioria dos documentos escritos pelos maias por considerá-los "diabólicos", os padres espanhóis se vangloriavam de arrasar seus inimigos, destruindo templos e esculturas sagradas. A Igreja Católica romana não mediu esforços para erradicar qualquer vestígio da cultura indígena; milhares de anos de sabedoria acumulada serviram de alimento às chamas.

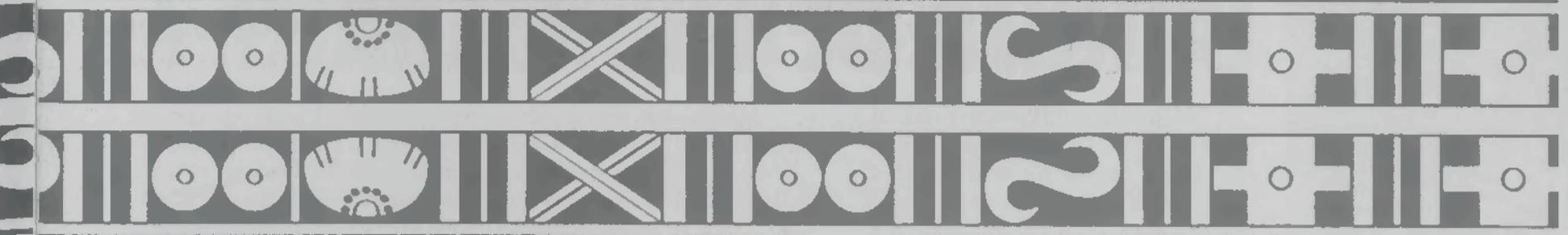
A colonização espanhola na América Central deixou poucas fontes para reconstruir os segredos maias. Até hoje, sabe-se da existência de apenas quatro manuscritos que resistiram à destruição. Mas a descoberta do túmulo do rei-sacerdote Pacal Votan, na pirâmide de Palenque, no México, em 1947, abriu uma nova página nas pesquisas sobre o povo maiá, pois, junto com as informações contidas nos manuscritos, estudiosos puderam decifrar alguns dos hieróglifos maias e decodificar as inscrições em seu interior.



1	21	41	61	81	101	121	141	161	181	201	221	241	261
2	22	42	62	82	102	122	142	162	182	202	222	242	262
3	23	43	63	83	103	123	143	163	183	203	223	243	263
4	24	44	64	84	104	124	144	164	184	204	224	244	264
5	25	45	65	85	105	125	145	165	185	205	225	245	265
6	26	46	66	86	106	126	146	166	186	206	226	246	266
7	27	47	67	87	107	127	147	167	187	207	227	247	267
8	28	48	68	88	108	128	148	168	188	208	228	248	268
9	29	49	69	89	109	129	149	169	189	209	229	249	269
10	30	50	70	90	110	130	150	170	190	210	230	250	270
11	31	51	71	91	111	131	151	171	191	211	231	251	271
12	32	52	72	92	112	132	152	172	192	212	232	252	272
13	33	53	73	93	113	133	153	173	193	213	233	253	273
14	34	54	74	94	114	134	154	174	194	214	234	254	274
15	35	55	75	95	115	135	155	175	195	215	235	255	275
16	36	56	76	96	116	136	156	176	196	216	236	256	276
17	37	57	77	97	117	137	157	177	197	217	237	257	277
18	38	58	78	98	118	138	158	178	198	218	238	258	278
19	39	59	79	99	119	139	159	179	199	219	239	259	279
20	40	60	80	100	120	140	160	180	200	220	240	260	280

TZOLKIN, o Calendário Sagrado dos Maias: uma matriz de 260





A Civilização Maia cultivou a relação com o tempo, da maneira em que o entendia, em todas as ciências que desenvolveu, deixando o registro em seus monumentos. Este templo foi erigido em homenagem ao Ano Solar.

## Os Engenheiros Cósricos

Grandes astrônomos e matemáticos, os Maias possuíam mais de 17 calendários. A grande importância dada por eles à medição do tempo decorre da concepção que tinham de tempo e espaço. Na verdade, trata-se de uma coisa só e que flui não linearmente como na idéia européia ocidental, mas circularmente, em ciclos repetitivos. Por isso, acreditavam que conhecendo o passado e transportando as ocorrências para idêntico dia do ciclo futuro, os acontecimentos basicamente se repetiriam.

Como outras civilizações antigas, sacralizavam os conhecimentos de astronomia, matemática e escrita, sendo estes de função dos sacerdotes e letrados, cujos registros se cristalizavam no sistema de calendários. Os três mais importantes eram: o Haab, o Uayeb e o Tun-Uc. O Haab é composto de 18 ciclos de 20 dias, mais cinco dias chamado de Uayeb, totalizando 365 dias. Estava ligado ao mundo físico, regia as plantas e as coisas. O Tun-Uc era baseado no ciclo da Lua, composto por 13 meses de 28 dias, num total de 364 dias mais um. Já o Tzolkin, que possuía 13 meses de 20 dias, era o Calendário Sagrado, usado para as funções religiosas. Todos esses calendários estavam sobrepostos e inter-relacionados de forma radial e cíclica, criando uma extraordinária maneira de medir o tempo.

## Tzolkin, o Calendário Sagrado dos Maias

O historiador norte-americano José Argüelles dedicou anos de seus estudos à cultura maia, principalmente de seu Calendário Sagrado, o Tzolkin. Segundo Argüelles, os maias identificaram o aspecto energético e espiritual do tempo e codificaram isso em seus calendários. Esse tempo tem uma frequência natural, chamada de 13:20. Treze refere-se aos 13 tons galácticos, representam radiopulsos que vêm do centro da galáxia. Vinte refere-se às 20 frequências solares e representam o ciclo de possibilidades de transformação que cada um desses radiopulsos pode sofrer nos espectros de frequência. A combinação dos 13 tons e dos 20 selos cria uma matriz de 260 unidades, o Tzolkin, que liga nossos níveis tridimensionais de frequência com as frequências da quarta dimensão.

Os estudos de Argüelles mostram que cada dia, chamado de Kin na língua maia, tinha uma configuração energética específica, carregada de informações. Existem 260 Kins no Calendário Sagrado Maia e um deles influencia o destino de cada pessoa, pois ele codifica o aspecto energético e espiritual do dia em que ela nasce. É por isso que, na antiga tradição maia, em função do dia do nascimento, os sacerdotes - que conheciam os segredos do tempo - ajudavam a prever a personalidade das crianças.

## Voltando à Aldeia da Paz

Na Aldeia da Paz vive-se a partir de um tempo-espaço diferente. O calendário gregoriano foi abandonado por não ter uma relação harmoniosa com os ciclos da natureza. Em seu lugar, foi adotado o Calendário da Paz, inspirado nas descobertas de José Argüelles sobre os três principais calendários maias: o Haab, o Tun-Uc e o Tzolkin. Lá, acredita-se que os maias clássicos souberam revelar profeticamente a principal causa dos distúrbios da vida moderna: a falta de sincronicidade no tempo. O Calendário Gregoriano, com 12 meses irregulares, e o relógio mecânico, com hora de 60 minutos, condicionaram-nos a um ritmo artificial de tempo, maquinizando as atividades e tirando a humanidade de sua frequência natural.

Os integrantes do Movimento Mundial de Paz e Mudança para o Calendário de 13 Luas e 28 Dias seguem uma concepção harmônica em relação à vida, sabedoria também herdada dos maias, que concebiam a Terra como um sistema orgânico, no qual tudo está ligado entre si e ao cosmos. Para eles, a mudança de calendário redirecionará a humanidade para a frequência de tempo da natureza, acabando com as atrocidades morais e com os abusos ao meio ambiente que vêm sendo cometidos. Além disso, eles substituem o velho imperativo "tempo é dinheiro" pela fórmula "tempo é arte", assumindo uma postura estética diante da vida, que retira do tempo a função materialista e dominante, e o transforma em aliado na busca de soluções criativas e ecológicas.

Após compartilhar alguns aprendizados com os integrantes da Aldeia da Paz, pude perceber que hoje, mais de 300 anos depois do desaparecimento do último grupo maia, muitas pessoas estão redescobrimo o Tzolkin, sua profunda sabedoria e valor científico. Apesar dos esforços, a fogueira dos padres espanhóis não conseguiu transformar toda a cultura maia em cinzas. Alguns dos conhecimentos considerados "diabólicos" estão servindo como peças-chave na construção de uma sociedade mais consciente e equilibrada.

**AH YUM HUNAB KU EVAN MAYA  
E MA HO! ■**

1	21	141	161	181	201	221	241
2	22	142	162	182	202	222	242
3	23	143	163	183	203	223	243
4	24	144	164	184	204	224	244
5	25	145	165	185	205	225	245
6	26	146	166	186	206	226	246
7	27	147	167	187	207	227	247
8	28	148	168	188	208	228	248
9	29	149	169	189	209	229	249
10	30	150	170	190	210	230	250
11	31	151	171	191	211	231	251
12	32	152	172	192	212	232	252
13	33	153	173	193	213	233	253
14	34	154	174	194	214	234	254
15	35	155	175	195	215	235	255
16	36	156	176	196	216	236	256
17	37	157	177	197	217	237	257
18	38	158	178	198	218	238	258
19	39	159	179	199	219	239	259
20	40	160	180	200	220	240	260

Matriz de 260 kins (dias), formada por 20 selos e 13 tons.



# Cultura DE FRONTEIRA por Virgínia Baumhardt [virginia.b@terra.com.br]

"Mas bota uma campera que tu vai sentir frio!" foi a última frase que ouvi antes de sair da casa dos meus anfitriões, rumo à área central de Livramento, perto da fronteira uruguaia. A rua para onde ia é estreita e movimentada. O comércio avança dos dois lados e prensa os carros, que passam em fila única; de metros em metros, há canteiros com arbustos e bancos de cimento. São três e dez de uma tarde fria, cinza e com uma chuva fina, antevéspera do Dia das Mães. O relógio marca 15 graus, e o vento insistente vira guarda-chuvas e sacode galhos de árvores. Estou na Avenida Andradas, principal via de comércio da cidade de Livramento. À esquerda e à direita se encontram pedestres escondidos debaixo das marquises de farmácias, lojas de artigos e pequenos mercados. Grupos de taxistas conversam sobre o tempo.

Atravesso um cruzamento largo e movimentado e vou parar na quadra seguinte. É um ambiente colorido por meias e placas, onde camelôs se enfileiram à direita e carros de cachorros-quentes a um real, à esquerda. A demanda parece ser grande, apesar da chuva constante que atrapalha o comércio de rua. Junto aos vendedores ambulantes,

um rapaz anuncia ao microfone a venda de flores de plástico e porta-retratos para as festividades do domingo próximo. O recado é claro: "Vamos chegando aqui, tudo regalado para suas mães", seguido de uma rumba, típica música uruguaia.

Em Rivera e Livramento, o bilingüismo é mais freqüente entre uruguaios do que entre brasileiros e tem um significado diferente para cada grupo. Enquanto entre os brasileiros a aquisição do espanhol tende a acontecer durante a adolescência tardia, os uruguaios adquiriram o português em casa, freqüentemente antes mesmo do que o espanhol. Um estereótipo comum em relação ao bilingüismo na fronteira é de que os falantes de dialetos portugueses pertenceriam a níveis socioeconômicos mais baixos ou 'classes baixas'.

O 'portunhol', tanto na sociedade riverense como santanense, é considerada uma língua sem prestígio social. (Sánchez, 2002).

Alguns passos mais, e a marcação amarela no chão indica a linha da fronteira que passa ali. A via larga e movimentada logo em frente é a Sarandi, com *free shops* de produtos importados, confeitarias com bolachas recheadas de doce de leite e chocolate. Perfilam outras dezenas de lojas com mantas, blusões e casacos de lã e mais uma infinidade de perfumes e vinhos. A avenida é o ponto de encontro de moradores de Rivera e Livramento, em alguma confeitaria ou banco da via. A versão uruguaia da Avenida Andradas é considerada "européia" e "luxuosa" pelos habitantes da fronteira, contrastando com o resto de Rivera, que seria uma cidade "cinza" e "triste".

Muito da relação entre brasileiros e uruguaios da fronteira é compreensível pela forma como eles se vêem uns aos outros, ou seus estereótipos. Para os santanenses, os vizinhos são considerados tímidos, tristes, cultos, educados e formais. Já os riverenses classificam os habitantes do outro lado da fronteira como alegres, divertidos, ignorantes, arrogantes e patriotas. Ambos, a despeito da opinião alheia, se consideram cultos. (Sánchez, 2002)

Mas foi antes, nos camelôs que vendiam relógios e meias coloridas, que eu decidi parar para registrar aquela cena, porque a quantidade de lanches a um real, do outro lado da calçada, me chamou a atenção. A resposta ao "posso bater uma foto?" foi um olhar desconfiado, que me inquiriu com um "mas por quê?". "Olha, eu estudo Jornalismo e estou batendo umas fotos da fronteira. Posso?", indago, já apontando a máquina em direção à vendedora. A resposta dela é simular que está servindo um salgado com ervilhas e molho de tomate.

## Meias Coloridas

Era o Almane, 40 anos, há sete, camelô. Contou-me que mora "em Livramento mesmo", que vende das sete e meia até "quando já é bem noite, aí os outros vão pra casa ver 'Jornal Nacional' e 'América', mas eu continuo mais um pouco que sempre rende. Mas tu não quer sentar? Não quer um cachorro, um café, tá servida?", sorri. Almane tem três filhos, mais enteada e esposa, e "a guria menor, de um ano e pouco, tá no hospital".

Aparece uma senhora curvada, lenço de girassóis na cabeça, escondendo um coque bem preso. Almane faz um sinal com a mão para eu esperar dois minutos sentada na cadeira de praia verde musgo que ele usa. Testa relógios e pilhas, explica a qualidade da mercadoria em um espanhol que me parece claro. "Mas é sempre assim, tu fala espanhol perfeito?", "Si, com os uruguaios eu vendo falando em espanhol. Lá em casa nós misturamos, mas aqui eu falo espanhol com os uruguaios".

Na maioria das vezes, a interação compra-venda entre riverenses e santanenses se dá através das duas línguas distintas, espanhol e português, em função do desprestígio social do portunhol. (Sánchez, 2002)

Almane grita, e muito. Dependendo da cara do freguês, em português ou espanhol; às vezes erra. Vende guarda-chuvas, capas de celulares e muitas meias, de variadas cores e tamanhos. Conta que já cansou de fugir "pra trás daquele coqueiro ali na divisa", passando para o lado uruguaio, para escapar do fisco. Mas que isso era em outros tempos, "agora tá tudo certo com a polícia". Contabiliza uma venda alta no Natal, "meu filho precisa até vir junto pra ajudar, não dou conta de tanto freguês" e que no verão há demanda grande por relógios. "Teu filho fala espanhol?", "ele tem vergonha de falar portunhol, sabe?! Mas nem precisa". Já passa de uma meia hora que eu estou ali. Almane olha para o relógio, já é tarde. Esfrega as mãos e pergunta distraído, acompanhando o movimento da rua, "mas tu não tá com frio, guria?", "não, não, peguei bastante chuva hoje, caminhei pra cima e pra baixo, mas tá tudo bem". Almane vira o tronco em minha direção, ergue as sobancelhas e solta um "mas guria, guria, por que tu não me avisou que eu te emprestava um paragua?".

O portunhol também não é utilizado em transações comerciais por ser considerado, na fronteira Rivera-Livramento, uma língua afetiva, íntima e necessária. (Sánchez, 2002) ■

A fronteira do Brasil com o Uruguai é extensa (quase 1000km). Em um dos trechos da divisa, se encontram as cidades de Livramento e Rivera, com um núcleo urbano importante e uma população conjunta acima de 160 mil habitantes. A fronteira é seca, delimitada apenas por marcos ao longo do trajeto. Em Livramento, o setor terciário é um dos que apresenta maior desenvolvimento; junto com o de serviços, absorve 58% da População Economicamente Ativa (PEA).

Trechos extraídos de "A Fronteira Inevitável. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica". Andrea Quadrelli Sánchez, Porto Alegre, 2002.



CAMPERA: casaco, abrigo  
REGALO: presente  
PARAGUA: guarda-chuva



# À ESPERA DO PRESUNTO

por Pedro Henrique Moraes  
[pedromoraes85@yahoo.com.br]

A obra *A Ilusão Americana*, de Eduardo Prado, lançada em 4 de dezembro de 1893, sumiu das bancas e lojas em apenas uma hora. A razão foi a dura repressão do governador paulista Bernardino de Campos. Prado fugiu para Londres. Um ano e meio depois, editou o livro em Paris com um apêndice sobre a censura sofrida em 1893 e uma entrevista concedida ao jornal de oposição *A Platéia*.

O rebuliço tinha motivo. Em 1891, o governo republicano de Floriano Peixoto era uma cópia dos Estados Unidos. A Constituição brasileira recém adotara instituições como Federação, presidencialismo e três poderes. A bandeira fora plagiada trocando-se o vermelho e azul por verde e amarelo, e até o nome do país mudara para Estados Unidos do Brasil. Acreditava-se que, ao copiar os norte-americanos, progrediríamos da mesma forma.

## Aperitivo latino

O livro foi o primeiro a criticar a aproximação entre o Brasil e a "grande república anglo-saxônica", alicerçada na famigerada doutrina Monroe. Ao proferir, em 1823, a sentença "A América para os americanos", o então presidente norte-americano James Monroe ignorava os interesses das nações latinas. É o que Prado mostra com as palavras de um tal de Sr. Evarts, o estadista "mais espirituoso dos Estados Unidos", que discursou para americanos e mexicanos em banquete promovido pelo General Grant.

(...) 'A América para os americanos'. Ora, eu proporia com prazer um aditamento:

(...) para os americanos do norte.

Comecemos pelo nosso caro vizinho, o México, de que já comemos um bocado em 1848. (...) A América Central virá depois, abrindo nosso apetite para quando chegar a vez da América do Sul. Olhando para o mapa vemos que aquele continente tem a forma de um presunto.

Uncle Sam é bom garfo; há de devorar o presunto. (...) A bandeira estrelada é grande o bastante para estender a sua sombra (...) do pólo norte ao pólo austral.

Na seqüência, mostra-se a participação direta do "irmão do norte" em governos corruptos no México, nos conflitos centro-americanos e caribenhos e na devastação econômica da América do Sul. As nações mais visadas pela política yankee eram Cuba e Haiti, por defenderem o fim da escravidão, instituição vital à economia norte-americana, e o Peru, por possuir o guano, um valioso fertilizante natural.

Eduardo Prado comprova, por meio de documentos oficiais e discursos, alguns incidentes diplomáticos, políticos e econômicos entre Brasil e Estados Unidos: ataques a portos, falcaturas de embaixadores, cobranças indevidas, apoio à escravidão. O autor salienta o Tratado Blaine-Salvador, de 1892, que, em troca de vantagens mínimas ao café e ao açúcar brasileiros, isentou

de tarifas a farinha de trigo americana e reduziu as taxas de vários artigos, levando à falência diversos setores produtivos no Brasil.

A grande ironia de *A Ilusão Americana* é que o autor conclui sua tese contrária à aliança Brasil - Estados Unidos parafraseando justamente George Washington, célebre político norte-americano:

(...) É loucura esperar uma nação favores desinteressados de outra, e tudo quanto uma nação receber como favor terá de pagar mais tarde com uma parte de sua independência.

## Persistência americana

Apesar de acreditar em diferenças "de caráter" entre a "enérgica raça saxônica" e os "pobres luso-indio-negróides" e de defender a monarquia inspirada na Inglaterra, o livro de Eduardo Prado surpreende pela sua atualidade. Até o interesse dos Estados Unidos por acordos comerciais já era comentado.

Tratados de comércio! Eis aí a grande ambição norte-americana. (...) Os plutocratas americanos não se satisfazem já com o mercado nacional que o protecionismo lhes entregou.

A águia americana ainda sonha com um tratado regulador das relações comerciais efetuadas do Alasca à Terra do Fogo. Em 1994, na Cúpula de Miami, representantes dos países "democráticos" americanos iniciaram o debate sobre a Área de Livre Comércio das Américas. A ALCA pretende facilitar o comércio bilateral entre os norte-americanos e as outras nações, em vez de estimular as relações comerciais entre todos os países.

Uma parte da América Latina defende a associação aos Estados Unidos como a panacéia dos males do subdesenvolvimento econômico, enquanto a outra, liderada pelo Brasil, encara o acordo como uma ameaça à soberania dos países

latinos. Por isso, a assinatura dos termos da ALCA, prevista para janeiro de 2006, está adiada indefinidamente.

Segundo dados da Organização Mundial de Comércio, quase 50% de todas as atividades de importação e exportação no mundo estão relacionadas aos Estados Unidos, maior potência econômica jamais vista. No continente, o país já possui acordos com países da América do Norte, Central e Chile. Paralelamente à consolidação da hegemonia norte-americana, cresceu também o número de pessoas que desaprovam a sua política internacional.

A sexta edição de *A Ilusão Americana* (de 2000, pela Editora Alfa Ômega) marca a retomada dessa crítica ao imperialismo yankee, cujos truques para dominar a América "do pólo norte ao pólo austral" já eram realizados há mais de um século. Apesar dos avanços nessa direção, ainda existem governos e pessoas, especialmente na América do Sul, que atravancam o sonho americano. Só que o *Uncle Sam* já mostrou ser persistente e voraz: para ele, o banquete está apenas começando. ■

Eduardo Paulo da Silva Prado, monarquista convicto, nasceu em 27 de fevereiro de 1860, em São Paulo, em uma aristocrática família do ramo cafeeiro.



Formado em Direito, colaborou no *Correio Paulistano* e trabalhou como adido brasileiro em Londres. Ao voltar de lá, comprou e assumiu a direção do jornal *Comércio de São Paulo*. Além de *A Ilusão Americana*, escreveu *Fatos da Ditadura Militar no Brasil* (1890) e *Bandeira Nacional*. Colaborou em *Le Brésil*, de 1889, e em *A Década Republicana*. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 40. Faleceu em São Paulo a 30 de agosto de 1901.



SANTIAGO  
(& CIA LT)

Ilustração gentilmente realizada por Santiago para 3POR4.

# O nacionalista na sociedade global

# Hugo Chávez

por Josemari Quevedo  
[josemari.quevedo@brturbo.com.br]

Em tempos de crise e dúvida nas diversas esferas sociais, principalmente na ideológica, uma figura latino-americana aparece na mídia e causa polêmica com palavras e efeitos políticos com ações. Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela, confronta diretamente políticas norte-americanas, expressando e ficando posição do quarto maior exportador de petróleo do mundo. Seu último lance foi a criação da Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas) ao lado do cubano Fidel Castro.

Exemplo síntese do fenômeno Chávez foi a participação no Fórum Social Mundial 2005 em Porto Alegre. Com direito a cartazes lambe-lambe espalhados pela capital divulgando o discurso que preferiria no encerramento do evento, o presidente venezuelano atraiu massa numerosa ao Gigantinho.

Na manhã do mesmo 30 de janeiro, havia reunido grupos da esquerda mais ortodoxa, formada por camponeses cubanos e equatorianos, no assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em Tapes. Uma pista do que representa hoje esse homem está clara: um político de esquerda midiático. Tem visibilidade e, por extensão, segurança. Mas quem é Hugo Chávez realmente? Será um ideólogo de esquerda vazio? Ou um político socialista de ações e resultados?

A esquerda ortodoxa sul-americana presente em Tapes  
foto: Gabriel Pillar

Na manhã do dia 30 de janeiro, a comunidade do Barrios de Pie, movimento social da periferia da capital da Argentina, Buenos Aires, aproxima-se do palanque onde Chávez discursa em Tapes. Entre o ministro da Reforma Agrária, Miguel Rosseto, e do líder do MST, Miguel Stédile, Chávez começa a cantarolar uma espécie de hino e ritmar uma batida no microfone ao perceber a aproximação. Os presentes fazem silêncio total, enquanto a marcha é tocada. Chávez saúda "os companheiros de Pie". Todos aplaudem e segue o discurso: "O capital norte-americano apresenta suas garras peçonhentas...".

A mãe mudou para os Estados Unidos e o pai permaneceu na capital Caracas quando Thiago Linares resolveu vir para o Brasil, em 2004, transferido da Universidade Simon Bolívar para a PUCRS, onde cursa Arquitetura. O estudante, que se define de classe média, faz uma leitura pragmática do presidente: "O trabalho de marketing de Chávez é muito bom. Algo absurdamente bem bolado. Ele tem um projeto que eu não entendi muito bem, porque está sempre se modernizando".

Os líderes políticos, sejam de direita ou de esquerda, utilizam-se da paixão, de projetos e da persuasão. A credibilidade vem da efetivação do discurso. Felipe Ewald esteve na Venezuela em 2004, durante o referendo, e vê o governo sob um ângulo alternativo às mídias de massa: "Uma das chaves para entender o que ocorre na Venezuela é procurar o que realmente está se modificando. Eu identifico isso nas dinâmicas do petróleo e do social". Batendo um breve raio-x das mudanças, percebe-se uma organização dos quadros militares e comunistas. Uma espécie de profissionalização da área. Foram criadas as *Misiones*, um projeto popular que convoca a população a se organizar nos *barrios* e participar das decisões políticas. "Aliás, o nome de uma *misión* é *Vuelvan Caras*, que é justamente isso: mostrem a cara para a sociedade e assumam seu papel de sujeitos ativos", relata o brasileiro. Constata-se a organização endógena da população,

## SIMON BOLÍVAR

Simon Bolívar reunia no início do século 19 o espírito culto, o gênio militar e a capacidade política do estadista. Leitor de Rousseau, Locke, Voltaire e Berthot, o político esteve na Europa durante quatro anos, chegando a acompanhar a coroação de Napoleão em 1804. De volta à América, encontrou Nova Granada (Colômbia, Venezuela e Equador) agitada pela luta entre os partidários do sistema federal e do centralismo. Em viagem à Jamaica publicou vários escritos tentando chamar a atenção da Inglaterra para a causa da liberdade da América, seguindo linhas da "lenda negra" ao pintar com as cores mais cinzentas a época espanhola. Bolívar conseguiu libertar os países da subordinação espanhola. Por outro lado, não obteve sucesso no seu projeto de unidade hispano-americana.

O atual líder venezuelano sinaliza Simon Bolívar como sua fonte de inspiração. Professor e mestre em ciência política, tenente-coronel do Exército reformado, esteve na cadeia de 1992 a 1994, onde apurou a leitura



de latino-americanos e clássicos. Foi eleito presidente pelo partido nacionalista *Movimiento V*

*República* ao sair da prisão.

Conhecimento acumulado que hoje *El Fuser* utiliza nos discursos. Suas técnicas de retórica concentram motivos para ser apontado como populista e autoritário – a voz oscila de acordo com o que está falando e os gestos acompanham o ritmo do assunto. Os recursos vão de um apanhado conhecimento histórico,

relacionando presente com passado, à constante repetição de frases marxistas. E, claro, de Simon Bolívar. É piada, mas Chávez parece ter encarnado a alma bolivariana. Diego Saravia, professor da Universidade de Salta, na Argentina, e fundador do Partido da Frente (ex-Frepaso) brinca: "De cada cinco palavras de Chávez, uma é Bolívar: Constituição Bolivariana, República Bolivariana da Venezuela, Revolução Bolivariana".

a aposta no desenvolvimento social da Venezuela, em contraste aos países que diante das pressões do capital externo negociam.

Os países terceiro-mundistas em desvantagem nessa situação têm duas opções: ceder ao governo norte-americano ou buscar a independência a qualquer custo. Se buscar a independência, o conflito é iminente, porque os Estados Unidos não aceitam independência em questão de petróleo. Chávez não dá margem a isso, ataca ou combate. Ademais, o país não tem oposição interna capaz de desafiar o governo, tornando a invasão única ameaça. Em contrapartida, a Venezuela tem um colchão de segurança nas Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e internamente está armada no partido da situação, diz Saravia, da Universidade de Salta. Cogita-se que o presidente pretenda atingir dois milhões de militantes treinados e armados em suas casas numa estratégia de guerrilha. Essas pessoas são pagas com soldo, ou seja, o coronel alimenta e motiva a tropa. "O mote de [Joseph] Stalin cai perfeito ao venezuelano por esse lado", completa o argentino.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano não gosta de definir Chávez como grande chefe, porque não crê que a humanidade seja dividida em dirigentes e dirigidos. No entanto, completa o raciocínio citando os referendos: "Ele ganhou oito eleições. Ou seja, é evidente o desencontro entre a lenda negra – o que se diz contra ele – e a realidade dele, porque esse 'ditador' ganhou oito eleições. Isso me parece sublinhável, não?".

## ALBA

A criação da Alba elaborou e acordou entre Cuba e Venezuela "um plano estratégico para garantir a complementação produtiva – em especial a Cuba", segundo a Agência Latina de Informação. Em termos práticos, Chávez inaugurou a PDVSA (Petróleos de Venezuela, a companhia de petróleo estatal) – Cuba, que tem como objetivo a exploração, a refinação, a importação e a comercialização de hidrocarbonetos e seus derivados, assim como transporte e armazenamento. Em troca, Cuba proporcionará formação de médicos e enfermeiros venezuelanos e colaborará nos programas de educação do governo.

O petróleo tem importância fundamental na inclusão global do país. Garante respaldo para a existência política de Chávez e o torna uma personalidade no cenário das transações econômicas mundiais. Saravia explica que como projeto a Alba é possível, embora não se sustente com outros países por esses não terem governos similares aos de Cuba e Venezuela. "Nenhum país pode se unir a eles sem um processo revolucionário com capacidade de resposta armada aos Estados Unidos", argumenta. Hipoteticamente, a possibilidade de bloquear a saída de petróleo é uma alternativa de defesa venezuelana contra uma invasão norte-americana.



Em Tapes, silêncio total durante o discurso do venezuelano  
foto: Gabriel Pillar

## Petróleo

O petróleo responde por 80% da receita de exportação do país e assegura a sustentabilidade econômica. De revés, atrai o interesse norte-americano pelo controle das reservas. Depois de décadas sob intervenções estrangeiras, governos militares, ditaduras e uma guerra civil, o impulso do petróleo aconteceu nos anos 50 numa democracia venezuelana fraca, sob o poder do presidente Wolfgang Larrazábal Ugueto. Casas e cidades foram construídas, a capital se modernizou. "Meu avô conta que quando chegou a Caracas junto com outras pessoas atraídas pelo desenvolvimento, eles não conheciam guarda-roupas. Era comum colocarem galinhas dentro, porque não sabiam para que servia o móvel", diverte-se o universitário Linares.

No entanto, o crescimento do Estado se deu aleatoriamente, com alguns ficando muito ricos e outros muito pobres. O problema se agravou em 1983, quando a bolha do petróleo inflou e estourou na chamada *Sexta-Feira Preta*, dia em que o preço do dólar dobrou e escancarou a fragilidade da economia. A situação levou Carlos Andrés Pérez ao poder, que impôs um pacote de reformas econômicas e nacionalizou o petróleo abaixo de protestos em Caracas – o *Caracazo*, deixando pelo menos 300 mortos. Chávez começou a alardear nessa época que o pobre estava sendo massacrado pelo rico, discurso que continuou até a tentativa de golpe de 1992.

Chama a atenção o golpe ter fracassado por uma certa vontade política de Chávez. O poder já havia sido tomado em várias capitais do país, e ele encontrava-se frente a frente com Pérez no Salão de Espelhos do Palácio Presidencial. O que fez *El Fuser*? Foi até a televisão e disse que o golpe não estava completo, sendo preso logo a seguir. Em 1998 saiu da cadeia nos braços do povo.

A Venezuela conseguiu reprimir os Estados Unidos de alguma forma

desde o início por causa e graças ao petróleo. Quando o recurso foi descoberto na Explosão de Barroso, norte-americanos e europeus já sabiam o quanto valia. Os venezuelanos se deram conta e começaram a tirar proveito por meio das taxas de exploração. O *fifty-fifty* foi proposto: a Venezuela entrava com o petróleo e os gringos com a tecnologia. Depois os venezuelanos foram avançando para o 60-40 até 90-10. Os norte-americanos começaram a reclamar e permaneceram no país até a criação da PDVSA.

O descrédito do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, não se deve apenas aos laços políticos de Chávez com Fidel Castro e à proximidade das Farc. O discurso nacionalista em relação ao petróleo incomoda, porque a Venezuela abriga uma espécie de alta qualidade, os óleos densos. Por ainda não ser massivamente comercializado, os analistas pouco ressaltam a importância estratégica desse combustível. "Apostamos que esse petróleo denso comece a ser mais utilizado com o aumento gradativo do preço internacional, que se espera aconteça nas próximas décadas", comenta Juan Verdesio, doutor em economia aplicada à energia. E os Estados Unidos da América, maior consumidor de petróleo do mundo, quer se precaver às custas da Venezuela. Chávez deixará? Só o futuro dirá. ■



foto: Gabriel Pillar

# LA PAZ QUE NO HAY

La Paz passa longe da Bolívia. O nome da capital parece ironia quando lembramos a história recheada de conflitos que viveu e vive esse país. Anos antes, Simon Bolívar, *criollo* conhecedor dos círculos eruditos europeus, investiu numa independência latino-americana. Entrou para a história ao lado de outros, porém foi o único a ter um país em sua homenagem. Para a Bolívia, cergiu uma constituição à moda grega. Um exemplo para o novo mundo: o país teria câmaras, senadores e *otras cositas más...* só faltavam os cidadãos livres. Eterna luta entre tradições estupidadas, lucros viscerais e recursos cobiçados, a Bolívia apanhou muito, mas também aprendeu a guerrear. Usurpada na sua prata e em seu estanho, a luta agora é pelo seu gás.

As estradas prateadas de Potosí refletiram o brilho de um colonialismo estéril. Toneladas do metal escoaram rumo aos pródigos cofres castellanos e aragoneses. A liquidação da prata não liquidou as dívidas reais, mas sim, os quéchuas e aimarás. Estima-se em 8 milhões de cadáveres aquém terra e mais de 160 mil quilos de prata além mar. Infelizmente, nesta época, os deuses ainda eram navegadores e não astronautas. Dois séculos depois, o brilho da prata cedeu lugar a um minério menos reluzente, de brilho mais próximo à história latino boliviana. O estanho proporcionou os ares europeus à família Patiño e uma mucosa negra aos mineiros que o extraíam. Da Serra Juan del Valle, o pó escurecido saía em direção aos fornos da empresa Willian, Harvey and Co., situada em Liverpool, Inglaterra. Do lingote de estanho à produção de latas, latinhas e outros utensílios, Simon Patiño ia perdendo os seus traços bolivianos diante da fidalguia do velho mundo.

Antes que evapore da sua terra e liquidifique em lucros para transnacionais, o gás natural é a riqueza que resta. "O gás é nosso", gritam os manifestantes que querem sua nacionalização.

O estopim dessa mais recente crise foi a lei dos hidrocarbonetos. Ela criou um imposto de 32% sobre a produção de gás e petróleo, além de elevar os *royalties* cobrados para 18% sobre o lucro das petrolíferas transnacionais.

O governo, a elite e as transnacionais gritaram. Uma vitória parcial para os movimentos populares. Mas esses não se contentam mais com partes depois do tanto que já lhes levaram e seguem protestando.

Setores da esquerda ligados à COB (Central Obrera Boliviana) querem a nacionalização, 100% da renda petrolífera para o país, e acusam até o cocalero Evo Morales de moderado por continuar defendendo *apenas* os 50% de *royalties*.

Não é a primeira vez que o povo vai às ruas para defender suas riquezas. Também não é a primeira *quase* vitória entre tantas outras perdas.

Em 1952 os movimentos indígenas conseguiram levar seu candidato ao poder. Víctor Paz Estenssoro prometeu a Bolívia para os bolivianos e a nacionalização do estanho. O fez, pagou indenização a Patiño pelo estanho nacionalizado... quando este já não mais havia.

Pobre Bolívia, é a América Latina da América Latina. Espremida, foi sendo cercada com o tempo. Para cada valor desenterrado, um tremor geográfico. Até as praias lhe roubaram. De fato, depois da prata e do pó de estanho, o salitre acabou sendo um mau negócio. A guerra do Pacífico envolveu Peru e Bolívia de um lado e o Chile do outro. Na província de Antofagasta, no então litoral boliviano, o imposto cobrado pelo governo acabou num combate de quatro anos (1879-1883). A vitória foi chilena, e a Bolívia perdeu a vista e os portos para o Pacífico.

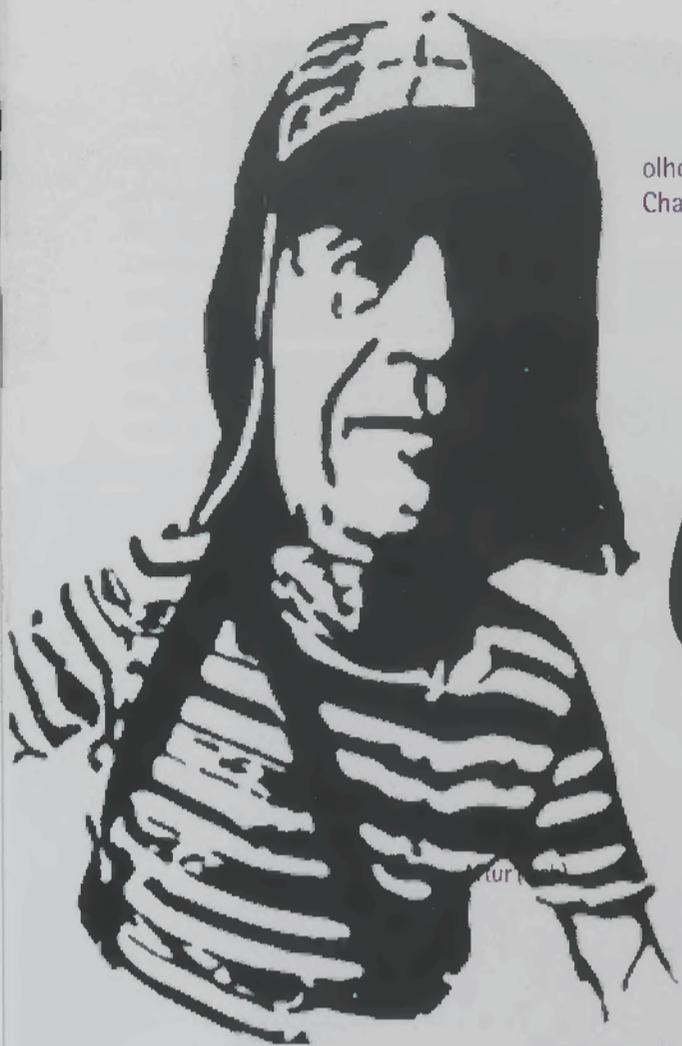
Além do Chile, o Paraguai e o Brasil também pegaram a sua parte. O primeiro o fez através da guerra do Chaco (1932-1935). Dizem: uma guerra de fantoches manipulados por duas grandes petrolíferas norte-americanas – a Standard Oil e a Shell. Uma guerra de fantoches pela região desértica, mas petrolífera do Chaco. Já o Brasil apagou o espaço boliviano, literalmente, com a borracha que preteava nas vulcanizações e que saía das seringueiras do atual Acre. Por 200 mil quilômetros quadrados o país pagou uma indenização de 2 milhões de libras esterlinas mais uma linha férrea para lugar nenhum.

Perdidas as terras e esgotadas as riquezas, especialmente das regiões mineiras do altiplano, eis que a partir da década de 80, as até então relegadas terras baixas, incluindo Santa Cruz, Chuquisaca e, principalmente, Tarija descobrem vastas reservas de gás natural.

"Para cada valor desenterrado, um tremor geográfico", dissemos antes. A nova oligarquia concentrada nessas regiões junto com 90% das riquezas energéticas, diante da crise, já acena com movimentos separatistas ou no mínimo autonomistas. Dessa forma, poderiam continuar comercializando suas riquezas com as transnacionais sem ter de se submeter aos interesses do país, quanto menos distribuir lucros.

Uma assembléia constituinte há de ser convocada. Um referendo sobre a autonomia das províncias também. Os contratos com as empresas transnacionais terão de ser renegociados. São reivindicações de todos os lados. Carlos Mesa, empossado após a derrubada de Gonzalo Sánchez de Lozada pelo movimento indígena no ano passado, abandonou o barco. A sua segunda tentativa de renúncia, dessa vez, foi aceita pelo Congresso. Em seu lugar, entrou o presidente da suprema corte, Eduardo Rodríguez. É ele que passou ao centro do tremor: pelo menos até o fechamento desta matéria. ■





"Aí vem o Chaves, Chaves, Chaves, todos atentos olhando pra TV..." Um verso basta: todos os olhos vidram na telinha, esperando mais um episódio. Assim se define o sucesso de audiência do seriado Chaves na televisão brasileira.

## Aspectos políticos em

# Chaves

por André Crespani  
[crespani@gmail.com]

### Foi sem querer querendo

Tinha tudo para dar errado. Uma produção mexicana em um país com parâmetro de qualidade nos enlatados norte-americanos. Poucos recursos, criatividade sobrepondo-se à tecnologia. Nem o argumento parecia ajudar: um menino miserável, órfão, faminto e trapalhão, vivendo numa vila pobre, cheia de figuras peculiares. Pois acredite, deu certo.

*Chaves*, ou *El Chavo Del Ocho* (nome original da série), surgiu em 1971 na Televisa – rede da qual até hoje é propriedade – como quadro do programa *Chespirito*, apelido de seu criador, diretor e intérprete, Roberto Gómez Bolaños. Aquele menino pobre tornaria *Chespirito* conhecido em mais de 50 países.

No Brasil, *Chaves* estreou em 1984, no SBT, mais de dez anos após sua criação. Adquirido como "brinde" em um pacote de novelas, quase não foi ao ar por recomendação de um diretor, que achava a qualidade ruim. Para sorte dos fãs, Sílvio Santos não seguiu o conselho.

### A dor de cabeça da Globo

Com bordões característicos, como "isso, isso, isso", "pois é, pois é, pois é" ou "cale-se, cale-se, cale-se", *Chaves* se tornou um sucesso estrondoso. Aliás, "cale-se, cale-se, cale-se" deve ter sido o que a Globo teve vontade de dizer à série mexicana durante esses vinte e tantos anos de concorrência. Não obstante as limitações de produção e a constante troca de horário no SBT, *Chaves* mantém um público fiel e, na briga pela audiência, já ameaçou até mesmo as imbatíveis "novelas das oito".

Ainda assim, o SBT periodicamente alegra a concorrência com promessas de tirar o programa do ar. O caso mais recente foi o vencimento do contrato com a Televisa, que abriu licitação pedindo US\$ 1,5 milhão pela exibição do seriado, valor três vezes maior que o anterior. *Chaves* esteve sob risco de ir parar na Rede Globo, veiculado em algum horário perdido da madrugada, depois do *Corujão*. Após muitas negociações, enfim o SBT aceitou pagar a quantia pedida e impediu a Globo de eliminar de vez a ameaça ao seu monopólio de audiência, garantindo a dor de cabeça por pelo menos mais três anos.

### O Brasil dialoga com a América

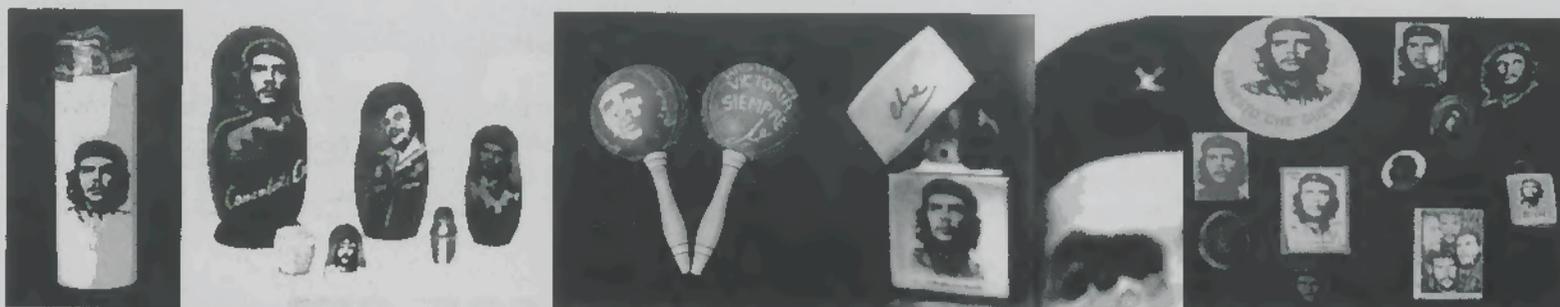
Historicamente, a relação do Brasil com os demais países da América Latina é de concorrência. Nossos grandes "aliados" econômicos foram britânicos e estadunidenses; dificilmente os falantes do espanhol. Na cultura, o processo é análogo, com supervalorização das produções norte-americanas e, quando muito, européias. O diálogo, quando se estabelece, dá-se entre grupos e artistas alternativos. Reconhecido no nível das massas, o trabalho de *Chespirito* é uma rara exceção.

*Chaves* pode ser entendido como uma experiência dialógica ímpar do Brasil com o resto dos países da América Latina. Por ser veiculado em todos eles, crianças em El Salvador, Brasil ou Cuba recebem uma mesma mensagem. Em *Chaves*, o Brasil não dá as costas para seus vizinhos; vira de frente para as nações de língua espanhola, e os filhos do Brasil compartilham sonhos com os filhos desses países.

*Chaves* sofre as mesmas mazelas que acometem a população da América subdesenvolvida: fome, injustiça, solidão. E, de forma igual, enfrenta isso com esperança e honestidade. É uma metáfora da aflição e do desespero dos desafortunados, bem traduzida no e-mail intitulado *Entenda a América com a Turma do Chaves*, que rola na Internet. Sem autor conhecido, ele propõe uma interpretação da vila de *Chaves* como o continente americano, com cada personagem representando um agente de suas relações.

Dentre os mais interessantes, o protagonista é a Venezuela: pobre, luta para fazer valer os direitos do povo. O jeitinho brasileiro está na astúcia de Seu Madruga. Cuba é Chiquinha – pequena, incomoda e desafia o professor Girafales, vulgo Estados Unidos. Dona Florinda – ou México – tem o sonho de se juntar a ele. Aparentemente apaziguador e sensato, Girafales é coercitivo e violento quando contrariado. Impõe sua cultura, apesar das subversões de alunos como Venezuela e Cuba. Seu preferido é Nhonho, um Canadá grande e rico, sem muita influência. Por fim, personificação do FMI (Fundo Monetário Internacional), Seu Barriga, em função do aluguel, tem controle financeiro sobre todos.

Apesar de interessantes, as conexões desse e-mail são uma brincadeira e podem ser contestadas. Inegável é a capacidade de *Chaves* em servir de espelho. É por isso que conquistou tanto sucesso, não apenas na América, mas em todos os continentes. Abrindo as portas do mercado internacional à TV mexicana, foi dublado para mais de 25 línguas, incluindo aí o árabe e o coreano. *Chaves* dialoga com o espectador, compreende suas dores, ri das dificuldades. Por isso, *Chaves* é universal. É como *Chespirito*, com muita propriedade, resume em suas entrevistas: "Onde houver fome, *Chaves* será sucesso". ■



## o outro homem da foto

por André Crespani\*  
[crespani@gmail.com]



Alberto Korda, de nascimento Alberto Díaz Gutierrez, adotou o sobrenome em homenagem ao cineasta húngaro Zoltan Korda, de quem era admirador. Fotógrafo de moda até o início da Revolução Cubana de 1959, Korda foi tomado pelo ideal revolucionário e se transformou no fotógrafo oficial de Fidel Castro. Graças a essa escolha, tornou-se também o autor daquela que é, provavelmente, a fotografia mais reproduzida no mundo todo.

Foi em um 5 de março, no ano de 1960, que os caminhos do jovem fotógrafo cubano cruzaram de forma definitiva com os do médico e revolucionário argentino Ernesto "Che" Guevara. Sobre um palanque, acompanhado de figuras como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, Fidel lamentava a morte de 136 pessoas em um atentado cometido pela CIA (agência de inteligência norte-americana). No dia anterior, uma sabotagem no porto da capital de Cuba, Havana, havia explodido o cargueiro francês La Courbe, que trazia armas para a revolução. A dez metros do palanque, Korda cobria a cerimônia fúnebre para o jornal *Revolución*. De repente, Che Guevara, até então posicionado pouco atrás do líder cubano, adianta-se, com um olhar impressionantemente expressivo. Num reflexo, Korda captura a força daquele olhar em duas tomadas: uma horizontal e outra vertical. O jornal para o qual Korda trabalha não aproveita as imagens, mas o fotógrafo percebe seu valor e as arquiva, dando-lhes o nome de "El Guerrillero Heróico".

A fama mundial de uma das fotos vem sete anos depois, com a morte de Che, em 8 de outubro de 1967, aos 39 anos. Cinco meses antes, o editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, em visita a Cuba, solicita duas cópias a seu autor. Feltrinelli edita as laterais da tomada horizontal, recortando os demais elementos que aparecem e isolando a figura de Che. A primeira exibição pública do trabalho acontece no funeral do revolucionário, ampliada em tamanho gigante e colocada no prédio do Ministério do Interior, em Havana. Em seguida, o italiano reproduz e vende um milhão de pôsteres com a imagem de Che Guevara.

O instante retratado por Alberto Korda tornou-se um ícone mundial. Símbolo da idéia de liberdade revolucionária, serve de inspiração para artistas e é amplamente utilizado como parte de peças publicitárias. Mesmo assim, seu autor nunca recebeu qualquer remuneração pela foto. Falecido aos 72 anos, vítima de infarto durante uma homenagem que recebia na capital francesa, Paris, Korda procurou indenização pelo uso não-autorizado de seu trabalho uma única vez. Foi quando viu a foto de "El Guerrillero" estampada em anúncio da vodka Smirnoff. Indignado, uma vez que Che nem sequer bebia, o fotógrafo processou a agência criadora da campanha e a empresa que vendeu a fotografia. Recebeu, por ordem do tribunal de Londres, Inglaterra, uma indenização de US\$ 50 mil, e a campanha foi tirada das ruas. Todo o dinheiro que ganhou foi doado para a compra de remédios destinados a crianças cubanas.

A ironia presente no uso atual da foto registrada por Korda certamente não o agradaria, e muito menos ao próprio Che. Incorporada pela moda e amplamente utilizada na divulgação de ações com objetivos meramente comerciais, opõe-se a tudo o que o personagem, de fato, simboliza. Guevara jamais aprovaria o uso de sua imagem como objeto de consumo. Korda, ao abrir mão de seus direitos autorais, imaginava estar contribuindo para a disseminação dos ideais revolucionários. Tudo o que pedia em troca era o reconhecimento de sua condição de autor. Isso, ao menos, vem acontecendo. Korda já faz parte da história da Revolução Cubana. Como ele mesmo definiu certa vez, essa história pode ser escrita por mil autores, mas será sempre ilustrada com suas fotos. ■

\*Colaboraram Cléber Corrêa e Sara Bodowsky

Eduardo Hughes Galeano nasceu em Montevideu, em 1940. Foi chefe de redação do semanário *Marcha* e diretor do jornal *Época*, no Uruguai. Com o golpe militar de 1973, Galeano foi morar em Buenos Aires, onde fundou e dirigiu a revista cultural *Crisis*. Em 1976, com o golpe na Argentina, seu nome figurou na lista dos condenados pelos esquadrões de morte, indo, então, se refugiar na Espanha. No início de 1985, voltou ao Uruguai, onde reside atualmente. É autor de vários livros, traduzidos a mais de vinte línguas. *As Veias Abertas da América Latina* é sua obra mais conhecida, uma verdadeira acusação da exploração da região desde a chegada de Cristóvão Colombo. Galeano recebeu o prêmio *Casa das Américas* em 1975 e 1978 e o prêmio *Aloa* dos editores dinamarqueses em 1993. A trilogia *Memória do Fogo* foi premiada pelo Ministério da Cultura do Uruguai e recebeu o *American Book Award* (Washington University, USA) em 1989. Em 1999, foi distinguido com o *Prêmio à Liberdade da Cultura*, outorgado, em sua edição inaugural, pela *Fundação Lannan*, dos Estados Unidos.



# Eduardo Galeano



*"¡Qué tiempo de mierda!"*

Com esta frase, às 15h27min, Eduardo Galeano nos recepciona. Acreditem, uma expressão, a princípio, não muito calorosa para quatro estudantes de jornalismo que viajaram 11 horas para ter aquele rápido encontro com um ícone da esquerda latino-americana. A sexta-feira estava fria e chuvosa em Montevideu. E daí? Para nós, pouco importava: havíamos caminhado cerca de meia hora para chegar ao Café Brasileiro, local escolhido por Galeano para a conversa. O ambiente do estabelecimento é retrô: muita madeira, iluminação fraca e um alto pé-direito. Apesar de ser "brasileiro", muito daquele lugar nos remetia ao clima europeu da *Ciudad Vieja* de Montevideu, o coração e centro histórico da capital uruguaia. Nas laterais, 92 quadros e ornamentos preenchiam as paredes do café. Qual não é nossa surpresa ao ver uma foto emoldurada do próprio Galeano junto à mesa em que escolhemos para sentar? Sim, aquele era o local para entrevistá-lo.

Continuando... Impossível não sentir um arrepio, um frio na barriga naquele momento. O que dizer, então, quando, logo depois, o escritor reclama que ainda não havíamos comprado nada para ele tomar? Será que ele era um grande piadista ou um rabugento? A nossa tensão crescia. "*Un café cortado y un jugo de naranja*" foi o pedido de Galeano, bem ao estilo uruguaio. O ápice do nervosismo viria nos primeiros minutos de entrevista. Logo na primeira pergunta, uma resposta seca e inesperada fez todos se olharem. Seguindo a entrevista, ele reclama das perguntas: "*¡Son terribles! Terrivelmente solenes.*" Não, aquele não poderia ser o Galeano que esperamos tanto para conhecer. E realmente não era. Aos poucos, a conversa foi se tornando agravável e percebemos que a tensão havia ficado para trás. Em pouco tempo já ganhávamos confiança e intimidade. O gosto pela resposta, pelo "contar histórias", se sobrepunha ao caráter ideologicamente revolucionário do Galeano da década de 70. Sua voz é calma, por vezes baixa, o que não deixa de mostrar suas posições precisas e contestadoras. Os grandes olhos azuis do nosso entrevistado são envolventes, quase hipnotizantes. Em outro contexto, ficaríamos com medo daquele olhar. O barulho no local era intenso: ora as buzinas dos carros que passavam pela rua, ora a máquina de café, que soltava ruídos a cada xícara servida, provocavam caretas em Galeano, mas não perdíamos o foco nas palavras do escritor. Os odores do ambiente eram mistos: o cheirinho de chuva caindo, da fumaça dos carros e dos vapores desprendidos pelas bebidas se interpunham em uma combinação única.

Pouco mais de uma hora: foi esse o tempo que tivemos para conversar com um homem que era, ao mesmo tempo, entrevistado e ídolo. Nesta e nas próximas páginas, leia o produto final desse encontro, que marca uma das maiores entrevistas feitas na história do jornal 3por4.

**3POR4 Qual a sua definição de América Latina?**

GALEANO Não tenho nenhuma. Como eu me sinto muito identificado com esta terra toda, a América Latina, que é uma coisa meio inexplicável, misteriosa, eu também contestaria, em nome dela: "Eu não tenho auto, nem tenho definição", como já disse um humorista uruguaio chamado Peloduro. Porque também toda definição tem alguma coisa de cadeia, *¿no?* ... Algo assim que fica prisioneiro da tua definição. Neste tempo nosso, que tem obsessão pelas classificações, definições, eu me resisto muito a aceitar esse tipo de coisas. E a mesma coisa vale para um país ou para uma região do mundo. Um amigo meu, andaluz, Julio Vélez, grande poeta que morreu muito jovem, um dia ia de trem e estava tristíssimo, olhando pela janela... sei lá quê. E aí um turista alemão que estava em frente dele *preguntó*: "Mas você é andaluz?". "Sim, eu sou". "E, se é andaluz, por que está triste?". Ou seja, ele estava obrigado a trabalhar de andaluz, segundo uma definição que obriga os andaluzes a viver em estado de alegria perpétua. O que é uma mentira. Como dizer que o brasileiro é alegre. O brasileiro é alegre às vezes! Quando joga contra o Uruguai, Maracanã, 1950... *(risos)*. Ah, bueno, ahí no...

**3POR4 Você pode rechaçar um conceito, uma definição, mas acredita que há uma identidade latino-americana?**

GALEANO Uma identidade *múltiple*, feita de contradições, ou seja, uma identidade viva. Porque a contradição é o motor da vida, é o motor da história. Então, aqueles que negam a possibilidade de falar de uma certa identidade, ou unidade latino-americana, por causa das contradições, estão ignorando qual é a causa principal da unidade, que é a contradição, que é o fato de ser esta uma terra de terras, uma nação de nações, uma cultura de culturas muito diversas, onde tem tudo, tudo o que é possível imaginar, tudo o que é possível pensar, sentir, como na hora de você construir uma imagem da América Latina, é contradição pura. E essa contradição é a identidade nossa, porque eu acho que a diversidade latino-americana é a riqueza principal que a América Latina tem. Não é um defeito: é uma virtude.

**3POR4 Há diferença entre as contradições vividas à época em que escreveu *As Veias Abertas* (35 anos atrás) e as que a gente vive hoje?**

GALEANO Deve ter, mas a gente tem que ser muito cuidadoso na hora de fazer esses inventários. Dizer "como que era, como é que é", isso é pra professor chatérrimo, na universidade! Não é pra mim, não. Eu acho que a vida é muito melhor do que essa mania *(risos)*, que essa obsessão por ter tudo bem definido. Dizer: "Em 1970 quando eu escrevi *As Veias Abertas*, a realidade econômica da região era assim, assim. Agora é assim, assim", isso não é pra mim. Morro de esquecimento, de aborrecimento, antes de falar. Imagina depois! Eu fico morto. Não, não é pra mim.

**São perguntas terríveis! Terrivelmente solenes. Eu achava que era pra conversar de um jeito muito mais descontraído *(risos)*. Tivesse sabido que eram perguntas seríssimas, não fazia a entrevista *(risos)*.**

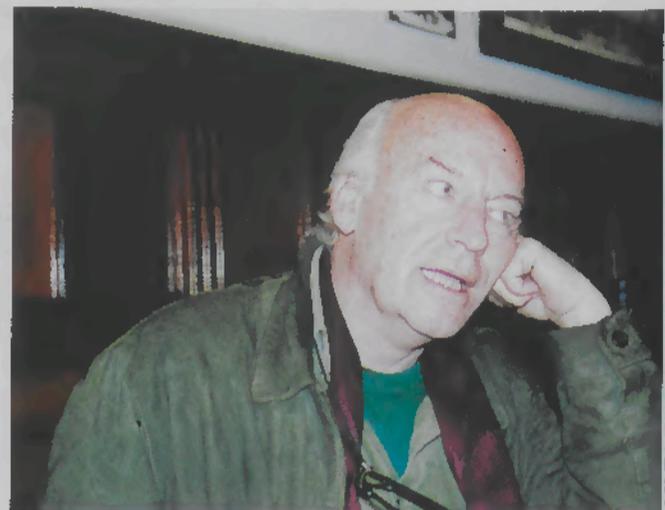
**3POR4 Ah, meu Deus, vamos queimar toda a entrevista, então! *(risos)***

GALEANO Não, eu não sirvo pra isso. Mas é uma limitação minha. Quer dizer, eu compreendo muito bem que no meio acadêmico, universitário, a gente precisa formular respostas pras coisas. A realidade é um desafio mais ou menos enigmático, e aí a universidade conta o conto de que esse desafio tem respostas possíveis. E é muito bom que os estudantes acreditem que sim, que é assim, que a realidade é explicável. Mas nem sempre é! E eu trabalho muito na zona de mistério que a realidade contém, porque eu sou escritor. Então a vida também tem muito de mistério. Em termos gerais, a situação de injustiça, de desequilíbrio, de desigualdade que *As Veias Abertas describía*, piorou muito. Do ponto de vista cultural, ou seja, da percepção que as pessoas podem ter da situação que vivem, também piorou muito. Quando eu escrevi o livro, tinha uma certa unanimidade em torno de algumas certezas, que eram *compartidas* pela esquerda, pelo centro e pela direita. Por exemplo, certeza de que a pobreza era um resultado da injustiça. Naquele tempo, ninguém discutia isso. Se tem pobreza, é porque tem injustiça. A situação econômica, social é injusta. Então gera pobreza. Essa era a realidade em 1970. A resposta da cultura a uma situação injusta era que a pobreza era um resultado da injustiça. Agora, 30 e algo anos depois, a resposta mais freqüente da cultura dominante é que a pobreza é o castigo que a ineficiência merece. Ou seja, não é um resultado da injustiça, é um castigo merecido pelos ineficientes. Se você não é eficiente, você merece ser castigado. Agora tem uma concepção das coisas que é diametralmente oposta àquela concepção das coisas que gerou um livro como *As Veias Abertas*. Eu não digo que esse é o destino da cultura latino-americana toda. Digo que essa é a situação à qual estamos agora.

**3POR4 Como você vê essa mudança da política do governo Lula na prática, em relação ao discurso que o senhor mesmo apoiava no período eleitoral brasileiro?**

GALEANO Visto de fora, é evidente que tem um divórcio grande entre a palavra prometida e os fatos realizados. O que se falou e o que se fez têm uma distância imensa. Analisar até que ponto era possível, e se agora é possível fazer alguma coisa diferente ou melhor, eu não sei. De fora, eu não posso dizer. Mesmo de dentro é difícil! Aí é uma realidade nova que está se plantando agora em vários países latinos, com governos progressistas, ou que tentam fazer alguma coisa nessa direção e que estão enfrentados a um desafio muito difícil. A responsabilidade é imensa, o que tem relação com o resgate da democracia. Na América Latina, em geral, há uma crise de fé na democracia. Você não pode pecar contra a esperança! Isso é pra mim a responsabilidade maior da esquerda no poder. Quando se fala elogiando: "Tenho a perfeita continuidade com a política anterior". Do meu ponto

de vista, isso é um ataque terrível, a pior coisa que pode se dizer, porque esses governos chegaram onde estão com a obrigação política e moral de marcar a diferença, de dizer: "Não, continuidade porra nenhuma! Nós somos diferentes! E estamos aqui pra demonstrar que a democracia ainda é acreditável". Porque quando os jovens dizem "a democracia é uma merda total", têm boa parte de razão, porque eles têm sido traídos ao



longo da vida privada de cada um, mas também da vida coletiva. Então, têm direito a não acreditar mais nas promessas das gerações anteriores, que nunca fazem o que dizem. O ato e a palavra não se conhecem. Quando se encontram na rua, não se cumprimentam, nada. Não foram apresentados. Não se disseram: "Senhora palavra, senhor ato"... *(gesticulando um encontro)* "Muito prazer", "Mucho gusto" *(risos)*. Isso não aconteceu ainda.

**3POR4 E o papel da imprensa na América Latina? Existe espaço para um jornalismo alternativo e de luta? Ou se caracteriza uma falsa liberdade de imprensa onde só há voz para as grandes corporações de mídia?**

GALEANO Eu acho que os espaços para as expressões independentes dentro do jornalismo e, em geral, dentro do campo da cultura, são *ahora* muito mais reduzidos do que eram antes. São mínimos, não tem quase nada! É um paradoxo, porque nos tempos da ditadura, por exemplo, o

Brasil tinha toda aquela chamada "imprensa nanica", como é o caso de Versus, Opinião, Movimento, o velho Pasquim, que eram ótimos. Tinham uma vitalidade, uma alegria e uma valentia também, uma coragem impressionante. E agora, não. A realidade jornalística do Brasil atual não é comparável! Quer dizer, o espaço se reduziu muito. O que é um paradoxo, porque agora tem possibilidades. Não tem ditadura militar! Tem possibilidade de dizer o que você queira. E,



### 3POR4 Conseguiria citar uma ou outra publicação que cumpra hoje o papel que o Versus cumpria na sua época?

GALEANO Aqui no Uruguai tem um semanário, onde eu trabalho, o Brecha, que eu acho que é um bom herdeiro das melhores tradições uruguaias, como era Marcha, que foi um outro semanário com um prestígio imenso, já lendário. Mas a influência que Marcha tinha há 40 anos era muito maior que a que temos agora com Brecha. Talvez essa possibilidade que se abre a partir da Internet possa alterar isso. Eu devo confessar que tenho os piores preconceitos contra esse mundo cibernético. Eu sempre tive a suspeita, até a certeza, que as máquinas bebem de noite. Que quando *nadie* as vê, ninguém as vê, aí elas... (*imita o gesto de beber*) (*risos*). E que, por isso, depois, durante o dia, fazem coisas inexplicáveis, coisas que ninguém entende. Então, sempre tive uma relação difícil com esse mundo, mas agora devo *reconocer* que estou achando que tem uma utilidade prática *indudable*. Essa rede cibernética amplia muito a capacidade de comunicação de grupos, movimentos, núcleos de opinião, que antes estavam reduzidos. Eu sou um bicho pré-histórico, não tenho a menor possibilidade de estar aí, mas eu vou respeitar o que se fizer. **Para mim, o cheiro do papel impresso, essa necessidade sensual de tocar o jornal, de ter uma relação física com o jornal... tato... cheiro... Não sei como explicar em português aquilo que eu sinto quando... El crujidero... cric, crac, cruc, crum... de papel... cricherachrich... Todos esses sussurros, los gritos y susurros del papel son intransferibles para mí... La pantalla no me da eso nunca!**

### 3POR4 Havia alguma relação entre as revistas Marcha no Uruguai, Crisis na Argentina e o jornal Versus no Brasil?

GALEANO Não tinha muita. Na verdade, a América Latina está especializada no divórcio mútuo, no divórcio das suas partes, na desintegração. Não é uma região integrada. Temos uma necessidade de integração cultural, da qual se fala pouco, ou não se fala nada, que seria a base possível de outras integrações. Porque senão é um negócio, que vai ser feito pelos donos das economias, que utilizam os países como pseudônimos, e não sentem em verdade aquilo que pode ser uma ligação que você tem com a terra onde nasceu, ou com o lugar do mundo que elegeu e sente que aquele é seu lugar. Na verdade, aqueles periódicos tinham uma certa idéia da existência dos outros, mas nunca houve um trabalho sério de integração cultural. Se avançou muito pouco nisso.

### 3POR4 Nos seus livros há uma grande quantidade de memórias pessoais que você conseguiu transformar em memória coletiva da América Latina. Como o senhor conseguiu juntar todas essas histórias? Viajando muito? Com um bloquinho, com um gravador?

GALEANO Eu não tenho nenhuma fórmula. Eu vou anotando as coisas que eu acho que têm alguma eletricidade dentro, *¿no?*, neste caderninho que eu tenho (*tira do bolso interno do casaco um livro minúsculo*) (*risos*). Esse é o meu sistema de trabalho. E a partir daqui, eu vejo o que eu anotei (*olha algum específico*). Às vezes, são reflexões pessoais que, depois, não tem nenhum destino, que eu jogo fora. Coisas que eu vou anotando... (*fica olhando as anotações*).

### 3POR4 Achou alguma coisa agora?

GALEANO Esta não tem tradução, porque é uma reflexão íntima. *Yo vivo resfriado, tengo una tendencia espantosa a resfriarme, estoy todo el tiempo resfriado. ¿Cómo se dice en portugués? Esfriado, ¿no? Gripado, resfriado... Y ahí yo pensé: si me hacen una estatua, cuando me muera – que me van a hacer una estatua como personalidad de la cultura – que pongan un cartel abajo que diga: "No se acerquen que estornuda". ¿Sabes lo que es estornuda? Atchis! (imitando um espirro). Un cartelito para que la gente no se arrime, porque estornuda, la estatua. Eso. Una reflexión profundísima que hice (risos). Y ahí salen esas historias que después se convierten en libros.*

### 3POR4 As mulheres também são um tema recorrente nos seus livros. Por que disso?

GALEANO Porque, pra mim, sempre foi uma coisa surpreendente, que, em defesa das mulheres, se fale como se fala dos direitos das minorias. Porque a metade da população mundial não pode ser uma minoria! Então é um escândalo a exclusão da mulher da vida política, da história. A memória coletiva é uma memória masculina, a mulher quase não existe. Tentei ajudar a resgatar essa presença real, porque continua sendo escandalosamente negada. No plano político, houve agora eleições locais com uma imensa quantidade de candidatos apresentados pela esquerda. E nenhuma mulher. Nenhuma! Quer dizer, *ni una, ni siquiera como impuesto (risos)*! *¿Cómo que somos machistas si tenemos la*

quando aparece a possibilidade de dizer o que você quer, aí não tem o que dizer (*risos*). Ou pelo menos não aparecem os jornais capazes de expressar essa ampliação de possibilidade. E também pela concentração de poder dos grandes meios de comunicação. No último meio século, houve um processo aceleradíssimo de concentração de poder em poucas mãos. Empresas que estão fabricando a opinião pública e que são as verdadeiras donas do direito de informação e que têm convertido, reduzido o direito de expressão a puro direito de pressão. **É o que eu chamo de liberdade de pressão, que é a pressão exercida pelo dinheiro sobre a palavra.**

companheira *Pepita Perez*? No, ninguna *Pepita Perez*. Todos *Pepitas Perez*. Acho que deve ser uma reação minha, involuntária, de afirmação da realidade tal qual é, e não tal qual é obrigada a ser, a partir de um processo sucessivo de mutilações. O machismo é que mutila, porque te impede ver a realidade tal qual é, implica um eclipse da realidade – a metade da realidade não é visível, a metade feminina da realidade não é visível.

**3POR4 E não seria esse o objetivo primeiro do próprio jornalismo, não só da sua figura dentro do jornalismo, mas do próprio jornalismo, o de denúncia dessas mutilações?**

GALEANO Sim, pra mim é a mesma coisa. Não faço diferença entre o que é minha atividade como jornalista e a minha atividade como escritor. Pra mim, o jornalismo escrito é uma forma de expressão literária. Nunca acompanhei essa concepção dominante, segundo a qual o jornalismo é o parente pobre da literatura. O nível de exigência de qualidade, pra mim, é o mesmo. Na América Latina não serve como pretexto dizer: "está mal feito porque é jornalístico". Não. Se está mal feito, é uma responsabilidade do jornalista, que tem a obrigação de fazer bem o que faz. Há bons artigos, bons jornais, artigos que não valem nada, como tem livros que multiplicam a alma, que te devolvem melhorado o mundo, e tem livros que nem te tocam, não passa nada. Você lê essas mil páginas e continua sendo o mesmo que era! »

**3POR4 Futebol. Outro tema recorrente em sua obra. O que resta hoje da magia do futebol?**

GALEANO A mesma coisa que resta do jornalismo feito ao velho estilo independente, um jornalismo feito com alegria, que era a grande diferença entre a imprensa nanica e a imprensa profissional. **A energia da alegria, que a imprensa nanica tinha, e que a imprensa profissional, não. E que não pode ser comprada, não tem maneira, nem aprendida numa universidade. Não tem curso de alegria.** "Agora vamos estudar alegria com o professor Alegre". Não, isso não existe. Se sente alegria ou não se sente. A mesma coisa é com o futebol. Pra mim, é a mesma coisa, exatamente a mesma. Jogar pelo prazer de jogar, escrever pela alegria de escrever, pela alegria de se comunicar com outros, é uma história. Agora, jogar pelo dever de ganhar, ou escrever pela necessidade de comer ou de que profissionalmente não tem outro jeito, é uma outra história. **Se você tem a sorte de combinar prazer e dever, para ganhar a vida com aquilo que te dá alegria e que te devolve a certeza perdida de que viver vale a pena, então você é o cara mais privilegiado do mundo, seja qual for a quantidade de dinheiro que você ganhe no que você faz.** Agora, é difícil, porque pra isso você precisa manter a dignidade da independência. E, na

profissão jornalística, é difícilimo. Eu falava do grande paradoxo de que a imprensa independente florescia nos tempos da ditadura militar no Brasil, por exemplo. E eram tempos de censura! E aí era o desafio de dizer o que não se podia dizer, como dizer o que não se podia dizer. Agora tem outra censura, que não é mais a censura militar, que é a censura comercial. **E essa censura comercial é muito mais perigosa, é muito mais perniciosa, muito mais fodida do que a censura militar.** Até porque a censura militar é uma censura óbvia, da força bruta, institucionalizada. Enquanto a outra, a censura comercial, é insidiosa, disfarçada, que pode ser mais castradora do que aquela. Então aí precisa inteligência, astúcia para se mexer. Não é impossível. *Ahora me voy. (fica em silêncio) ¡Puch! ¡Que manera de hablar! (risos)* (Galeano puxa os livros que trouxemos sobre a mesa para começar a autografá-los.)

**3POR4 Sabe de quem nós não falamos? Nós não falamos do Chávez.**

GALEANO Eu estive lá em Venezuela, como observador internacional, quando do plebiscito. *Y ahí yo fui, como observador internacional. Y entonces ahí, cuando yo fui el vocero de los observadores internacionales, algunas cosas me impresionaron. Por ejemplo, que Chávez conquistó una inmensa popularidad, desde el principio, haciendo algo que la gente ignora que es eso – la gente fuera de Venezuela, claro, que no se sabe qué hizo. Fijate, es una cosa muy revolucionaria y muy sencilla, muy simple, la cosa más simple del mundo. Poco tiempo después de llegar al poder, Chávez decidió que todos los niños debían ser aceptados en las escuelas, ¡tuvieran o no tuvieran documentos! Es una cosa assim tão simples, não? En Venezuela, había dos millones de niños que no iban a la escuela porque no tenían documentos, y las escuelas los rechazaban porque no estaban documentados. Te das cuenta como, a veces, las grandes cosas son cosas muy simples, ¿no? En la vida es así también, no sólo en la vida política, digo. Pero fue un gran gesto político de él, que, ya de entrada, señaló que no iba a gobernar para los de siempre, que iba a gobernar para todos. Porque así como había dos millones de niños que no podían ir a la escuela porque no tenían documentos, en Venezuela, había cinco millones de indocumentados, que no podían votar. Entonces, con relación a lo de Chávez, o con relación a cualquier otro tema, siempre aconsejo mirar lo que no está a la vista, lo que no se ve en los análisis políticos, económicos, sociales, las pequeñas cosas, los detalles, que son, a veces, las grandes cosas.* (Galeano segue autografando os livros que trouxemos. Nos chama à atenção que Galeano escreve sua assinatura em todos os livros sempre ao lado de uma figura de um porquinho.)

**3POR4 Por que o porquinho?**

GALEANO Na verdade, não sei. Mas faz muitos anos que eu comecei assinando o porquinho, e ficou, mas não sei por quê. Deve ser porque é completamente anti-heróico, porque o destino dele não é virar estátua, mas virar salsicha, o destino do coitado do porquinho. ■



Entrevista realizada em 13 de maio de 2005, no Café El Brasileiro, em Ciudad Vieja, Montevideu, pelos alunos Moisés Sbardelotto, Nanda Isele Duarte, Paulo Roberto Lunardi e Rovani Freitas.

*cuando  
abre a  
3 x 4*

## Entre um mate e outro

Sexta-feira, 13 de maio, à noite, saindo do hotel dos colegas de empreitada, avisto três nativos - Pedro, Davi e um outro de nome incompreensível - a tomar um mate na recepção. As primeiras cobaias do meu raso espanhol. Ignorando os obstáculos lingüísticos e bastante solícitos, explicam que vieram do interior fazer uns bicos em uma indústria de papel que está em período de alta produtividade. Chegamos ao assunto inevitável: Tabaré Vázquez. À menção de seu nome, obtenho prontos sorrisos de resposta, como imaginava que seria depois de perceber um certo clima de empolgação nas ruas da cidade. Negam-se a falar de seus votos ("es secreto, es secreto"), mas admitem depositar alguma esperança no presidente eleito pela Frente Ampla. Controlo a vontade de fazer a malfadada comparação com a recente onda de similar esperança brasileira, porque teria de explicar também como ela se dissipou. Preferi deixar a Vázquez a possibilidade de lhes tirar o sorriso.

**UM GRANDE NANICO E TABAREMANIA** Sacadas, camisetas e carros não faltam para a propaganda pós-eleitoral da Frente Ampla. Muitos uruguaios, ao contrário dos rapazes da recepção do hotel, fazem questão de publicizar seu voto em Tabaré Vázquez. No primeiro fim de semana de maio, com as eleições departamentais, findou-se mais um ciclo eleitoral no Uruguai - que consolidou a mudança do sistema político daquele país, que fora bipartidário de 1836 até o fim da década de 60. Era Colorado ou Nacional, e ponto. Até 1958, quando os partidos tradicionais começaram a perder apoio para as facções até então nanicas. Tudo por conta de (in)definição ideológica: os partidos que homogeneizavam a política uruguia não se diferenciavam nesse quesito. Eram dois grandes leques de possibilidades, com setores que iam do extremo conservadorismo ao mais progressista dividindo a mesma legenda. Os pequenos, com uma clara identificação à esquerda, ganharam fôlego nos anos 60 e 70. Com a primeira vitória federal e a quarta em Montevidéu, a Frente Ampla se fortaleceu. Agora são três os grandes partidos no Uruguai.

Permaneço mais um instante na recepção, na tentativa de ser merecedora do mate que eles sorvem. Davi engata uma discussão sobre democracia, mas as atenções rapidamente se desviam ao colorido exagerado do folhetim argentino que se inicia na televisão da recepção. Aliás, boa parte da programação uruguia é importada da fraca indústria televisiva do país vizinho.

**LA HERMANA CANTA E DANÇA** Na televisão, nas livrarias, até nas danceterias, só dá eles. À noite, pude testemunhar mais um indício do fenômeno. No bar Da Vinci, onde estive na madrugada de sábado, a gurizada balançando o esqueleto vibrou enlouquecidamente ao anúncio de um bloco com "o melhor" do rock'n'roll argentino (as aspas se fazem necessárias para que fique claro que não concordo exatamente com a premissa). Antes de dar o fora ainda pude prestigiar o princípio do bloco brasileiro, pouco festejado, por motivos de fácil compreensão: primeiro, um samba remixado. Quando do pé na porta, a derradeira: uma versão em castelhano de Festa no Apê. Sucesso GLS em Montevidéu.

## Ana, 34 anos, é uruguaia e não desiste nunca

Não. O governo uruguaio não comemora suas exceções em rede nacional, como faz o brasileiro. Mas não significa que não as tenha. Ana, Vanessa, Pedro e Karine são quatro grandes amigos que, assim como 40% da população uruguia, nasceram e residem na capital. Eles compartilham uma história de desemprego recente, quando da crise econômica de 2002, que abalou o país.

Ana, emocionada ao falar do período de *desocupación*, aperta forte o pano que usa para tirar o pó da mesa do meu quarto no Hotel Colônia. Ela e seus melhores amigos resolveram juntar forças para enfrentar as agruras da frágil economia do país e fundaram a empresa num sistema de cooperativa. Domingo é o dia de camareira de Ana, mas segundas e terças ela é quem fica responsável pela contabilidade.

## Brasil próspero (?!)

Pois a história de Ana, uma clara exceção de superação entre os que conheceram a miséria, une-se à regra marginalizada para formar uma rede de similaridades com a conjuntura social brasileira. As contradições entre riqueza e distribuição, apesar de não serem páreas para o número dois do mundo (o Brasil só perde para Serra Leoa no ranking de má distribuição de renda), são liricamente ilustradas nas ruas - que misturam pomposidade em concreto com decadência em orgânico (como na imagem da mendiga magricela pedindo uma colaboração na porta da catedral restaurada, em estilo neoclássico com retábulos pós-barrocos, ou no contraste entre "libertador" e "libertados" que os monumentos a José Artigas e os muitos mendigos de Montevidéu propiciam a cada esquina).

**ATÉ OS OSSOS** O vento gélido constante explica uma característica a mais adquirida pela marginalidade uruguia, uma vez que duas privações competem nos corpos indigentes. A esqualidez (familiar aos olhos brasileiros) causada pela fome ganha traços ainda mais fortes nos rostos contraídos pelo frio de lascas. Daí a conhecida "aparência carrancuda" dos mendigos de Montevidéu.

Mas acontece um fenômeno intrigante que faz parecer distinta a realidade entre os vizinhos. Talvez por causa do que ali, como em outros países da América do Sul, convencionou-se chamar de imperialismo brasileiro. Há uma imagem bastante presente de uma nação próspera, emergente, rica. Fruto disso, o novo tratamento dado aos visitantes brasileiros soa estranho para qualquer nativo das terras tupiniquins que não esteja entre os poucos que mamam nas tetas deste "imperialismo". Chegando ao Café Brasileiro, tentei um desconto - para brasileiros, oras - no preço salgadinho dos lanches. A resposta: "Desconto? Mas vocês são ricos! Podem pagar o quanto quiserem!". ■



O relato que segue não tem a pretensão de apresentar a capital uruguia em suas delícias e dissabores. O Melhor e o Pior de Montevidéu saiu na VEJA, não aqui.

Nem havia tempo suficiente para escalar o que o turismo uruguaio pode oferecer, nem esta era a intenção. Aqui, impressões aleatórias de dois dias de Montevidéu.

PEDRO FIGARI. Alucinação (detalhe).

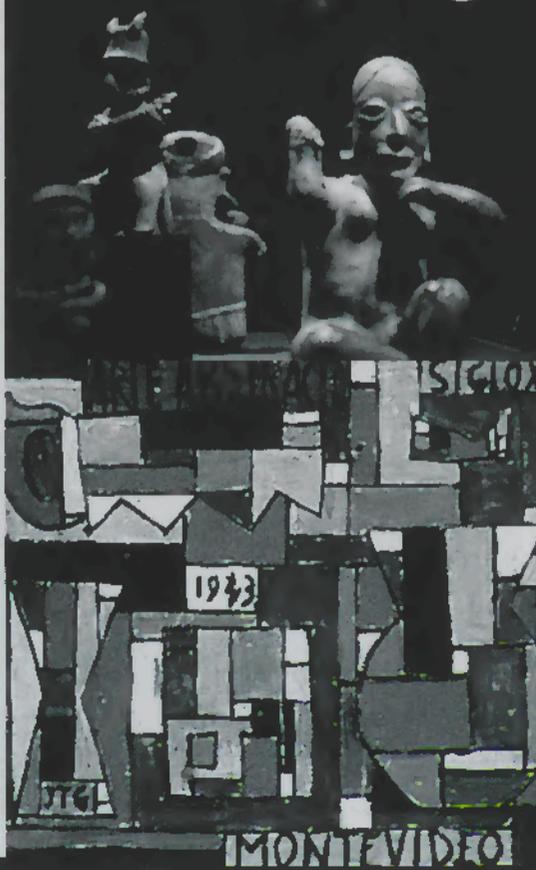


# Montevidéu A Le Ator La

por  
Nanda Duarte  
[nandaisele@yahoo.com.br]

Esculturas do MAPI (detalhe).

JOAQUÍN TORRES-GARCÍA. Arte Abstracto.





# UMA AMÉRICA A SER COM COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

por Anderson Dressler [anderson\_dressler@hotmail.com] e Rovani Freitas [rovanifreitas@yahoo.com]

## Brasileiros

Ah, o futebol. O futebol foi inventado pelos ingleses. Há quem diga que se jogava algo parecido com o futebol antes mesmo de Cristo nascer. Tudo bem, mas foram os ingleses que patentearam a marca. Logo, são eles os donos do futebol. A arte. Ah, a arte não tem data, muito menos nacionalidade. Foi se aproveitando dessa orfandade que os pés latino-americanos transformaram o futebol em arte. Logo, os europeus criaram e, nós, latinos, o aperfeiçoamos.

A América Latina tornou-se pólo exportador de mão-de-obra especializada para países financeiramente mais poderosos. Nossos jogadores estelam as maiores equipes do futebol mundial. Mas e aqui dentro, quem é melhor? Rivalizamos internamente pela hegemonia do futebol das Américas. Se há a paixão pelas seleções – o patriotismo –, antes dela, e talvez até com mais intensidade, existe a paixão local, representada pelo clube do coração.

No início dos anos 60, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) criou seu primeiro campeonato entre clubes. Na Copa Libertadores da América, apenas os campeões nacionais poderiam disputar. O nome era em homenagem a Bolívar, San Martín e Artigas, heróis que guerrearam pela independência de países sul-americanos. O título dava o direito de disputar contra o campeão europeu o posto de melhor time do mundo.

Em 1980, a montadora de automóveis Toyota passou a patrocinar a Copa Libertadores. Assim, houve um acréscimo relativo na premiação e no interesse pelo torneio. Em 1998, o campeonato ganhou uma cara ainda mais latino-americana com a inclusão de clubes do México. Hoje, são 32 equipes de 11 países na disputa da taça.

Os argentinos ainda possuem a hegemonia dos títulos. Das 45 edições da copa, levaram 20 vezes o troféu, sendo sete deles somente com o maior campeão da Libertadores, o Independiente. O Brasil corre em segundo lugar com 11 campeonatos, sendo seis desses entre os anos de 1992 e 1999.

Em sua primeira edição, a Libertadores teve como representante brasileiro o Bahia, campeão da extinta Taça Brasil. Em 1962, logo na sua primeira participação, o Santos de Pelé já se sagrou campeão. Na final, os brasileiros se depararam com o Penárol, vencedor das duas primeiras edições. A estrela do melhor jogador de todos os tempos brilhou na decisão, e o Rei trouxe a primeira Libertadores para o país.

Um grande duelo entre brasileiros marcou a edição de 1963: o Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha. Só não disputaram a final juntos porque o regulamento da competição ainda não permitia times do mesmo país em uma decisão. Acabaram se encontrando nas semifinais. O Santos se classificou e fez a final contra os argentinos do Boca Juniors. Os brasileiros não tomaram conhecimento do adversário e levantaram o bi com duas vitórias.

O Brasil passaria por um jejum nos próximos 13 anos. Boicotes devido a problemas financeiros e ao jogo agressivo dos adversários – marca registrada da Libertadores até hoje – repeliaram os times brasileiros. Foi só em 1976 que o Brasil voltou a botar a mão na taça. Nesse ano, o Cruzeiro avançou invicto até a final contra os argentinos do River Plate. No terceiro jogo, os mineiros levaram a melhor e conquistaram o título.

Somente em 1980, quando o torneio ganhou maior atrativo financeiro, os clubes do país passaram a colocar a Libertadores em primeiro plano. O Flamengo traria a quarta Libertadores para o país em 1981. O clube tinha em seu elenco craques como Zico, o que acabou não sendo páreo para seus adversários. Dois anos depois, era o Grêmio quem sairia campeão.

Depois do êxito dos gaúchos, mais um longo jejum. Em 1992, o São Paulo investiu pesado na sua participação. Na sua primeira conquista, o time decidiu nos pênaltis o título contra o Newell's Old Boys, da Argentina. No ano seguinte a taça viria de forma mais fácil. Mais experiente, o time resolveu a final contra os chilenos do Universidad Católica com uma goleada no primeiro jogo. Mesmo a derrota em Santiago não tirou o bicampeonato dos paulistas.

Em 1995, o grande duelo se deu entre Grêmio e Palmeiras, nas quartas-de-finais. Os gaúchos acabaram tirando os paulistas e levantaram seu segundo caneco. O quarto bi brasileiro viria em 1997, com o Cruzeiro. Nas duas edições seguintes, dois brasileiros levantaram a taça pela primeira vez. O Vasco da Gama foi o vencedor de 1998, ano de seu centenário. O Palmeiras fechou a década de ouro do Brasil no torneio continental com o título de 1999 – a última conquista de um time nacional.



Zico na decisão da Libertadores da América em 1981  
foto: Almir Velga/AJB

# CONQUISTADA ADDORES

hoo.com.br]

## Gaúchos

As primeiras participações do Estado na Libertadores vieram com o Inter da década de 70. Com seu primeiro título nacional, em 1975, sobre o Cruzeiro, o clube estreou na competição em 1976, junto com o time mineiro, que levou a melhor e desclassificou os gaúchos. Em 1977 o time conseguiu chegar até a semifinal, quando novamente encontrou o Cruzeiro, campeão no ano anterior. Uma derrota em casa deixou o Inter pelo caminho.

Tri-campeão brasileiro de forma invicta em 1979, Falcão, Valdomiro, Jair e Batista levaram o colorado até a final, contra o Nacional do Uruguai, em 1980. Depois de um empate sem gols no estádio Beira-Rio, a derrota por 1 a 0 deu o bicampeonato aos uruguaios.

Dois anos depois foi a vez de os gremistas conhecerem a América, credenciados pelo título do Campeonato Brasileiro de 1981. Eliminado ainda na primeira fase, o melhor viria no ano seguinte. O primeiro título gaúcho na Libertadores chegaria com a vitória no Olímpico por 2 a 1 contra o Penárol. O sonho do bi veio logo em 1984. Porém, na final prevaleceu a experiência dos argentinos do Independiente, que levou seu sétimo e último título.

A próxima participação do clube da Azenha só viria em 1990. Antes disso, o Inter chegaria à semifinal, em 1989 (veja box). A última participação colorada foi um fiasco. Na Libertadores de 1993, sem ganhar nenhum jogo, o time cairia ainda na fase classificatória.

Em 1995, o Grêmio voltaria a participar da copa, quando levantou a taça de bi-campeão (veja box). O time ainda estaria nas três próximas edições da copa, igualando o recorde do Santos, com quatro participações seguidas. A grande surpresa foi a participação do Juventude, em 2000. Inexperiente, o terceiro clube a representar o Estado na Libertadores não conseguiu passar da primeira fase. No mesmo ano, numa semifinal contra o mesmo Olímpia que tirou o Inter em 1989, o Grêmio seria desclassificado. Também em Porto Alegre, e mais uma vez nos pênaltis, a vitória seria paraguaia. Em 2003, o clube voltaria à taça, na última participação gaúcha.

O ano de 2005 começou com dois planejamentos muito distintos no Olímpico e no Beira-Rio. Enquanto os gremistas buscam voltar à elite do futebol nacional, os colorados sonham mais alto – o claro objetivo do Inter é retornar à Copa Libertadores. Enquanto a tradição do Grêmio pausa na segunda divisão, a meta do Inter não é diferente da de outros tantos grandes clubes sul-americanos: conquistar a América! ■

## A tragédia do Beira-Rio

por Anderson Dressler



No futebol, nenhum lance é tão plástico quanto a "bicicleta" – quando o jogador desafia as leis da física e chuta a bola no ar, de costas, sobre sua própria cabeça! Se o gol é o orgasmo do futebol, gol de bicicleta equivale a orgasmos múltiplos. Gol de bicicleta, por favor, deveria valer por três! E foi com um gol de bicicleta do garoto Luis Fernando Rosa Flores que o Inter venceu o primeiro jogo da semifinal da Libertadores de 1989, contra os paraguaios do Olímpia, em pleno estádio Defensores Del Chaco. A decisão seria no Beira-Rio, e os colorados só precisavam de um empate para ir à final da Libertadores daquele ano. Dezoito de maio de 1989, Beira-Rio lotado. O Olímpia largou na frente, gol de Amarilla. O Inter empatou ainda no primeiro tempo com o volante Dacroce. Na etapa final, o Olímpia fez 2 a 1. Luis Fernando empatou novamente para o Colorado. No final do segundo tempo, o Inter teve um pênalti a seu favor. Ah, o pênalti.

No futebol, nenhum lance é tão emocionante quanto o pênalti: com a bola na marca da cal, goleiro e batedor frente a frente, a 11 metros de distância! O escritor austríaco Peter Handke escreveu um livro intitulado *A Angústia do Goleiro Diante do Pênalti*. Handke pode entender de literatura, mas não de futebol, a julgar pela bisonidade do título de seu livro. Pombas, qualquer garoto de 12 anos sabe que na hora do pênalti a angústia não é do goleiro, mas do batedor. Um pênalti pressupõe uma obrigatoriedade de gol, logo a angústia é de quem cobra o pênalti! O goleiro só tem a ganhar; quem cobra só tem a perder. E naquela semifinal de 1989, com o jogo empatado em 2 a 2, o centroavante colorado Nilson experimentou dessa angústia. Matador do Grenal do Século, o jogador cobrou e o gordo goleiro paraguaio Almeyda defendeu. No contra-ataque, o Olímpia faria 3 a 2, num chute cruzado de Amarilla, que estufou as redes do goleiro Taffarel. Na decisão por pênaltis, o volante colorado Leomir errou e o Inter perdeu por 5 a 3, sendo eliminado da Copa Libertadores. Oitenta mil colorados presenciaram a maior tragédia que o Beira-Rio já viveu. O sonho de conquistar a América e igualar o feito do arqui-rival da Azenha parou nas mãos do goleiro Almeyda.

## A América é tricolor

Danlei; Arce, Rivarola, Adílson e Roger; Dinho, Luís Carlos Goiano, Arílson e Carlos Miguel; Paulo Nunes e Jardel. Essa escalação ainda hoje soa como música no ouvido de todos os gremistas. Sob o comando do técnico Luis Felipe Scolari, o Felipão, o Grêmio conquistou a América em 1995, repetindo o feito de 1983. Na primeira fase, os gremistas tinham em seu grupo dois times equatorianos e o Palmeiras. A equipe paulista, sob o comando do técnico Wanderley Luxemburgo, patrolava todos os adversários. Na segunda fase, a equipe gaúcha eliminou o Olímpia, do Paraguai.

Grêmio e Palmeiras se encontraram novamente nas quartas-de-final do torneio, e aí prevaleceu o espírito guerreiro do tricolor gaúcho nas fases do mata-mata. No primeiro jogo, no Estádio Olímpico, os gremistas abriram uma grande vantagem de 5 a 0. Em São Paulo, o alviverde devolveu os cinco gols sofridos em Porto Alegre. Mas um gol salvador do atacante Jardel classificou o Grêmio. Nas semifinais, o tricolor derrotou a equipe equatoriana do Emelec, também adversária na primeira fase. A grande final foi contra os colombianos do Nacional. No primeiro jogo, em Porto Alegre, o Grêmio venceu por 3 a 1, gols de Jardel, Paulo Nunes e Marulanda (contra). Na Colômbia, o tricolor saiu perdendo logo no começo da partida, com um gol de Aristizabal. Aos 40 minutos do segundo tempo, o ponta Alexandre sofreu pênalti. Dinho cobrou e deu o bicampeonato da Libertadores ao tricolor gaúcho. A América, mais uma vez, era azul.



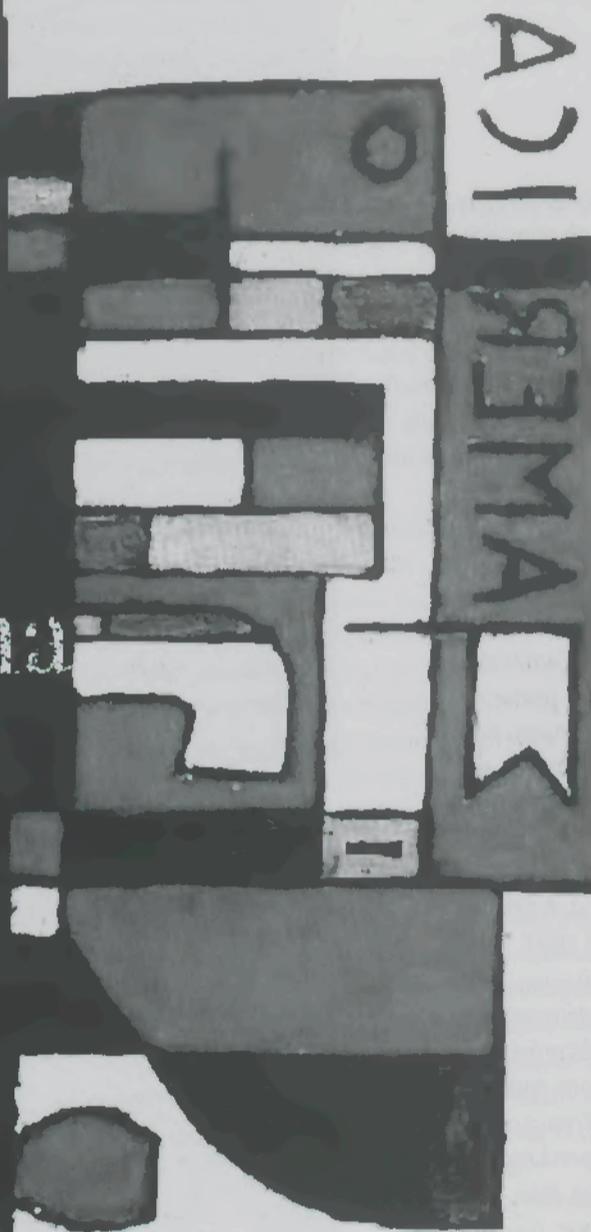


# A Arte Latino- AmERICANA AO alcanCE dOs olhos

por Priscila De Martini\*  
[priscilacaramello@hotmail.com]

"Para os dirigentes da Bienal de São Paulo, a função da América Latina foi quase sempre a de tapa-buracos - engordar a estatística de participações estrangeiras". Assim sentenciou o crítico de arte Frederico Morais em seu livro *Artes Plásticas na América Latina: do Transe ao Transitório*, de 1979. Um dos únicos críticos especializados em arte latino-americana no país, Morais lutava no final dos anos 70 contra "as omissões, as frustrações e as submissões aos interesses euro-norte-americanos" da Bienal e a "humilhação" imposta à arte latino-americana.

O descaso da Bienal com a América Latina refletia a relação que os próprios brasileiros tinham



JOAQUÍN TORRES-GARCÍA. Banco Constructivo América.

com o continente em que estavam inseridos. É fácil encontrar pessoas no Brasil que estão ligadas ao que ocorre na Europa e nos Estados Unidos, mas não fazem idéia do que acontece a alguns quilômetros de sua cidade, passando a fronteira.

Vinte e seis anos após o livro de Morais, a Bienal de São Paulo está consolidada como a segunda mais importante de todo o mundo, apenas atrás da centenária Bienal de Veneza, na Itália. Mas ela não está mais sozinha no país. Em 1997, um novo evento de arte foi lançado em Porto Alegre com um nome promissor: Bienal do Mercosul. Frederico Morais foi convidado para conduzir a curadoria da primeira edição, que contou com 842

obras de arte de 275 artistas plásticos e recebeu pouco mais de 291 mil visitantes. Embora o projeto de Morais fosse para duas edições, ele foi substituído por Fabio Magalhães na 2ª Bienal do Mercosul. Foram 370 obras de 200 artistas e um público de, aproximadamente, 294 mil pessoas. Todas as edições da Bienal contaram com Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, além de um país latino-americano convidado.

## Projeto de uma Bienal permanente

A 4ª Bienal do Mercosul, que aconteceu em 2003, atraiu mais de 1 milhão de visitantes para as mostras que reuniram 588 obras de 76 artistas. A próxima edição do evento será realizada do final de setembro deste ano ao início de dezembro e terá como tema Histórias da Arte e do Espaço. "A 5ª Bienal do Mercosul parte do princípio que, apesar de recente, esta Bienal já tem uma história. Trata-se agora de avaliar essa história e saber quais são os próximos passos", explica o curador, Paulo Sergio Duarte.

Para ele, uma das formas de aumentar o contato dos brasileiros com a arte da América Latina é ter um projeto educativo permanente, contínuo e abrangente, que não se interrompa entre uma Bienal e outra: seminários, ciclos de palestras, pequenos cursos, publicações etc. "Não vivemos num país com educação pública aprimorada e poderosas instituições museológicas capazes de contextualizar historicamente as experiências contemporâneas, tal como nos países de capitalismo avançado do Hemisfério Norte. Um projeto educativo permanente supre, em parte, uma efetiva lacuna de nossas instituições educacionais e culturais", afirma. Mas não é apenas o grande público que pouco sabe sobre a arte latino-americana. Os próprios críticos não têm muito conhecimento sobre o assunto, que não está incluído nas grandes obras de história da arte do mundo.

## Manter a Bienal do Mercosul já é uma vitória

Ao assumir a superintendência da Fundação Bienal do Mercosul, a ex-reitora da UFRGS, Wraza Panizzi, reforçou as idéias de Duarte. Ela determinou como um de seus principais objetivos garantir que os projetos da instituição tenham continuidade no intervalo entre as bienais. Além disso, ela destaca que a preocupação maior da Fundação Bienal é promover a difusão e a reflexão de um trabalho de artes visuais a partir de uma visão latino-americana, visando ao abandono do olhar eurocêntrico. Ela salienta, também, que a possibilidade de manter uma exposição deste porte em um país que, tradicionalmente, não incentiva esse tipo de iniciativa é uma vitória importantíssima. Para a superintendente, o intercâmbio com os demais países do continente é imperativo para o crescimento dos artistas locais. "A Fundação Bienal tem um papel que ultrapassa os limites e as fronteiras do nosso Estado e do nosso país", completa. ■



# Bienal De São Paulo e América Latina:

décadas de

# Esquecimento



FRIDA KAHLO. La Columna Rota.

Há muito tempo a Bienal de São Paulo extrapolou os limites da América Latina. Ela é a segunda mais importante do mundo e sempre seguiu os passos da primeira colocada: a Bienal de Veneza. Talvez por isso tenha negligenciado a arte latino-americana durante tantas décadas, em detrimento da Europa e dos Estados Unidos.

Até a 13ª edição, em 1975, a presidência da Bienal de São Paulo foi de seu fundador, o industrial Ciccillo Matarazzo. Acaso ou não, 1977 foi o primeiro ano em que o Grande Prêmio da Bienal foi dado a um latino-americano, o Grupo de Los Trece, da Argentina. O ex-presidente da Fundação Bienal de São Paulo, Julio Landmann (1998), filho do presidente daquela edição, Oscar Landmann, entretanto, revela que a troca na presidência da instituição não teve relação com a escolha do vencedor do Grande Prêmio. O motivo foi outro: "Houve uma pressão nos bastidores para que o prêmio fosse para a Argentina", garantiu ele. Essa, contudo, foi a primeira e a única vez que a América Latina levou o prêmio, pois ele foi extinto na bienal seguinte.

## Sem tempo para os latino-americanos

Julio admite que a América Latina foi deixada de lado durante muito tempo - e não só pela Bienal de São Paulo. "Um ano antes da Bienal que presidi, visitei a Bienal de Veneza. Perguntei ao curador se não havia nenhuma representação da arte latino-americana na exposição desenvolvida pela curadoria com artistas de diversos países. A resposta foi: 'Não tive tempo de ir nessa parte do mundo'", comenta.

Segundo ele, essa declaração o incentivou a aumentar o número de trabalhos de artistas da América Latina na 24ª Bienal de São Paulo. Os números confirmam: enquanto na 22ª Bienal, em 1994, 69 dos 206 artistas eram dessa região e na 23ª, em 1996, eram apenas 36 em um universo de 134 artistas, na 24ª foram 91 latino-americanos entre os 326 participantes. Para Julio, as bienais têm a obrigação de ser uma janela para a arte do continente. Nesse sentido, acrescenta ele, a Bienal do Mercosul seria complementar à da capital paulista. "Ela vai justamente na direção daquilo que nós devemos fazer na América Latina. Qualquer esforço para que seja uma vitrine do que é produzido aqui é muito importante." ■



## ENTREVISTA

Paulo Sergio Duarte, curador da 5ª Bienal do Mercosul

3POR4 Por que foi mudada a forma de apresentação das obras (opção de não dividir por países, mas sim por eixos temáticos)?

DUARTE Primeiro, porque as questões estéticas contemporâneas não estão nem aí para as fronteiras políticas e geográficas que separam as nações. São questões culturais específicas que podem estar sendo tratadas por artistas no Japão, na Turquia, na Argentina, no Brasil, na Alemanha ou na Itália, por exemplo. Segundo, precisamos mostrar aos governantes de nossos respectivos países que, no âmbito da arte, interagimos independentemente das idiossincrasias nacionais e somos capazes de nos apresentar como um continente artístico-cultural que se apropria de modo inteligente de nossas diferenças. Essas diferenças são produtivas, nos estimulam - não nos separam.

3POR4 Qual é a importância da Bienal do Mercosul para a arte latino-americana?

DUARTE Pelo momento - e espero que cada vez mais - ela é a mais importante mostra de arte contemporânea do continente.

3POR4 Por que a escolha de Amilcar de Castro para artista homenageado?

DUARTE Primeiro, porque Amilcar foi, sem dúvida, um dos maiores artistas da segunda metade do século 20. Só não está em todos os livros de história da arte porque nasceu e viveu ao sul do Equador, e a história da arte ainda é escrita no Hemisfério Norte e para o Hemisfério Norte. Segundo: o tema da Bienal tem tudo a ver com a obra de Amilcar, que constantemente reinventou o espaço com suas esculturas e desenhos.

3POR4 No final da década de 70, Frederico Moraes alegou que os países latino-americanos não estabeleciam um bom intercâmbio de suas artes. Qual é a situação quase 30 anos depois? A Bienal do Mercosul veio a esse propósito? Se veio, tem êxito?

DUARTE A Bienal é um processo de trabalho. Já percorreu um bom caminho, mas há muito a fazer daqui para frente. Sobretudo, adequarmos a instituição para suprir nossas deficiências. Mas seu legado no estreitamento de relações entre os países participantes no campo artístico é um fato. E isso já é, historicamente, um passo importante que foi dado a partir de Porto Alegre.

3POR4 Qual foi o melhor momento da arte da América Latina?

DUARTE Uma resposta bem subjetiva: o atual. Agora, o crítico e historiador: sem dúvida, depois do gesto solitário e pioneiro do uruguaio [Joaquim] Torres-García, depois do muralismo mexicano, as experiências construtivas do final dos anos 40 e da década de 50 foram um capítulo muito importante na constituição de um modernismo mais cosmopolita.

\*Colaborou Sara Bodowsky



AMILCAR DE CASTRO. Obra na Assembléia de Belo Horizonte, MG.

# BUENOS AIRES

DONDE EL CINEMA SE HACE INDEPENDIENTE.

por Felipe Rech [ftrech@yahoo.com.br]



Os países da América Latina podem ser tomados como exemplos de guardiões de uma rica diversidade cultural que pode ser refletida ao conhecer, imaginar e construir histórias a ser informadas por meio das infinitas possibilidades de sintetização sonora e visual que o cinema permite. Mas a indústria do cinema sufocou essa criatividade com os enlatados banais norte-americanos.

A América Latina, por sua mestiçagem cultural, permite a localização de grandes histórias a ser contadas. E conhecer essas histórias, imaginar sobre seu mundo vivido, o mundo construído e sobre o mundo atual - que ainda e sempre estará sendo reorganizado, deveria ser de interesse de todo latino-americano. É por isso que o cinema independente deve existir: para que os baixos custos de produção ampliem o número de histórias narradas no cinema; para que o ser humano possa conhecer mais sobre o seu mundo; para que as pessoas possam imaginar.

## Buenos Aires em Vogue

Até o fim dos anos 90 o mundo conhecia pouco da América Latina pelo cinema. De uma maneira geral, a partir dessa época a produção de filmes aumentou nesses países, bem como o intercâmbio dessas histórias com o mundo.

Nesse quadro, o país que multiplicou de maneira mais impressionante a sua produção cinematográfica e que intercambiou um maior número de histórias com o mundo, foi a Argentina, cujo grande pólo cinematográfico é a capital Buenos Aires.

Entretanto, na Argentina o cinema nacional começava a se fazer independente já no final da década de 60, e foi no final dos anos 90 que aumentou o número de cineastas argentinos, e como consequência, multiplicou-se a quantidade de histórias na *composición* do quadro cinematográfico desse país.

## O fenômeno da década de 90: as bases da multiplicación

Na Buenos Aires dos anos 90 surge o que os argentinos costumam chamar de *Nuevo Cine*, essencialmente ligado à palavra *independente*, por seu modo de produção e pelas novas apostas estéticas. Com o longa-metragem *Rapado* (1991), o cineasta Martín Rejtman traz uma narrativa que trabalha com o *não argumento*, com a cruz de histórias de relatos diversos, que se tornam, dentro de sua obra, um espelho do cotidiano dos argentinos. Sua simplicidade em trabalhar o dia-a-dia torna-se base das produções posteriores do *Nuevo Cine*.

Enquanto Rejtman revolucionava novamente o cinema argentino com sua obra prima, o crescimento das escolas e do número de alunos de cinema na Argentina da década de 90 era impressionante. A grande quantidade de jovens interessados na arte começou a trabalhar intensamente uma narrativa apoiada em curta-metragens, que serviram como alternativa para que os novos cineastas pudessem experimentar outras estéticas, diversificar os temas e ampliar

as abordagens.

A intensa produção de curta-metragens de jovens estudantes começa a centralizar a atenção da cena cinematográfica argentina. Em 1995 alguns desses jovens resolvem reunir-se para estrear o que chamaram de *Historias Breves*, que foi a projeção em conjunto de seus curtas.

Alguns desses nomes começam a surgir nos festivais internacionais de cinema. Mas não apenas nos festivais europeus ou americanos, pois desde o ano de 1999, Buenos Aires sedia o *BAFICI: Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente*, onde esses jovens das escolas de cinema agora podem mostrar suas histórias locais para o mundo.

## Universidad Del Cine: pensando o cinema

A *Universidad Del Cine* foi criada em 1991. Hoje é reconhecida internacionalmente como referência de formação de jovens cineastas.

Os cinco prédios localizados no bairro *San Telmo* constituem um ponto de encontro de jovens que têm o desejo de contar histórias, imaginar sobre o mundo, desenvolvendo a vocação audiovisual pela qual têm gosto.

Mario Santos, um dos diretores da instituição, diz que a *Universidad Del Cine* surgiu num momento de crise da produção, quando o cinema estava num processo de transição: "E havia muita gente que queria aprofundar-se no cinema, que já tinha feito alguns cursos. E quando a universidade abriu, convocou-se cerca de trezentos e cinquenta alunos, que eram pessoas que vinham trabalhando com cinema e que, então, encontraram um lugar que estava faltando".

O diretor afirma que um dos objetivos da universidade sempre foi receber alunos de outros países: "Houve estrangeiros na universidade desde o princípio, mas a partir do ano de 2001, quando a Argentina passou por sua grande crise econômica, estudar e viver no país tornou-se barato, e o número de estrangeiros matriculados aumentou exponencialmente. E continua aumentando: representam, hoje, cerca de 25% das matrículas". E na lista de alunos de outros países, encontra-se a predominância de estudantes latino-americanos, que vêm buscar em Buenos Aires, uma alternativa para aprender, pensar e fazer cinema.

## Pedaços da América Latina em Buenos Aires

David Ángulo (Equador), Ricardo Alves Júnior (Brasil), Juan Felipe Wong (Panamá), Laura Martínez (Colômbia) e Ricardo Von Muhlenbrock (Chile), são nomes que compõem apenas uma amostra da miscelânea cultural encontrada na *Universidad Del Cine*.

Em todos esses países, o cinema sofreu um período de apagão cultural, seguido por uma concentração da produção na mão de poucos, que no final da década de 90 começa a ser mais democratizada. Porém, todos observam que a questão do ensino e as inovações artísticas na produção nacional, ainda estão muito superficiais em seus países, e por isso foram buscar uma nova experiência em Buenos Aires.

O chileno Ricardo observa que em seu país, os cineastas que chegaram a ser diretores não são necessariamente pessoas com talento, pois conseguiram produzir por meio dos vínculos que têm por questões políticas.

O estudante conta que o mundo do cinema no Chile é muito pequeno. Em contrapartida, ele observa que se pode notar a existência de público para o cinema nacional, uma vez que os últimos anos abarcaram os recordes de público que foram assistir a filmes chilenos.

Esse chileno, graduado em Jornalismo em Santiago do Chile, está buscando no cinema uma outra forma de tratar sobre as questões instigantes de seu país. Como todos os seus colegas, encontrou em Buenos Aires um espaço para



foto: Felipe Rech



Laura Martínez (Colômbia)



Ricardo ALeves Júnior (Brasil)



Ricardo Von Muhlenbrock (Chile)



David Angulo (Equador)



Juan Felipe Wong (Panamá)

sair de seu lugar de origem e intercambiar cultura e conhecimento.

Neste ano, a Universidad Del Cine organizou pela primeira vez, juntamente com o festival de Berlim, na semana que antecedeu o festival de cinema de Buenos Aires, o *Talent Campus*, que tem um objetivo regional de reunir novos talentos da América do Sul, para que se estabeleça uma rede de contatos.

Todos esses investimentos no campo do ensino integrado, do intercâmbio e da facilitação do processo de produção fazem da *Universidad Del Cine* um importante gestor do cinema independente.

### Una Década de *Historias Breves*

O primeiro concurso *Historias Breves* selecionou nove projetos de curtas de jovens cineastas. Nesta primeira edição debutaram muitos dos nomes que estão construindo carreiras sólidas no quadro nacional do cinema argentino.

Passada uma década, este ano alguns desses cineastas encontram-se numa sala de cinema do *Abasto de Buenos Aires* para rever os nove curtas junto com o experiente e renomado cineasta Pablo Rosito. Juntos, discutiram as inovações que trouxeram naquela época.

Daniel Burman, um dos cineastas, acredita que a quebra realizada pelos curtas foi no estilo de produção. Para ele, romper em lugares onde parecia ser impossível de transitar foi o principal aprendizado. Ressalta que, familiarizar-se com os detalhes da sociedade de leis em que vivemos, foi muito importante para que ele pudesse enxergar o cinema como algo possível de se fazer.

Ulisses Rosell concorda com Burman e acha que desde o início do século está havendo uma socialização do processo de se fazer cinema, uma

vez que tem sido mais simples e democratizado o acesso à burocracia de se realizar um filme. Nesse sentido, ele também analisa a questão mais atual do cinema: a produção de longa-metragens em vídeo, que torna os custos mais baratos.

Pablo Rosito começou sua carreira de cineasta no ano de 87, e afirma que aquela época era muito difícil para os profissionais do meio: "Não tinha espaço. O sistema matava os diretores, e era difícil incorporar novos projetos".

Rosito recorda que em 95, *Historias Breves* serviu como reflexo de um bom momento político, quando esses jovens tiveram a possibilidade de produzir com os incentivos introduzidos pela *lei del cine*, que prevê incentivos financeiros à produção nacional. Foi justamente o que analisaram Rossel e Burman, quando identificaram na possibilidade de produção, a grande revolução e exemplo de *Historias Breves*.

### BAFICI : o cinema projetado na cidade

O *Buenos Aires Festival de Cine Independiente* iniciou no ano de 1999. É organizado pela Secretaria de Cultura do governo da cidade de Buenos Aires. Este ano a sétima edição do festival foi realizada entre os dias 12 e 24 de abril.

O evento traz obras de cineastas independentes de todo o mundo na competição internacional. Também revela novos diretores argentinos e aprecia a produção local com a mostra competitiva nacional. Por esses motivos, o festival converteu-se num cenário da diversidade cultural de todos os cantos do mundo, projetada nas grandes telas de cinema da capital. Assim como também tem servido de vitrine e incentivador do cinema jovem argentino.

Este ano o evento ofereceu uma retrospectiva das obras da cineasta belga Chantal Akerman, uma mostra de filmes de Robert Frank, uma projeção especial de *Intolerância* de David Griffith. Uma idéia da repercussão das atrações do festival: as entradas para a projeção de *Intolerância* esgotaram-se quatro horas antes de começar a função.

Durante os dias do evento, o inusitado: uma projeção de filmes no muro de uma rua. Uma multidão de pessoas sentadas no chão, atentas. Foi a primeira edição do *BAFRECCI*, uma proposta de jovens de levar às ruas, *for free*, alguns dos filmes da cena independente.

O BAFICI é um daqueles eventos que se tornam uma imensa viagem na vida de uma pessoa. É um grande número de informações reunidas numa cidade em que se pode visitar diferentes países, diversas histórias, universos inusitados, e conhecer figuras especiais como o cineasta chileno Alejandro Jodorowsky.

### Do experite para os iniciantes

Antes da projeção de *Santa Sangre* - uma de suas principais obras cinematográficas, o cineasta Alejandro Jodorowsky conversou um pouco com as pessoas que foram assistir a seu filme.

Ele começa o papo com uma piada típica do Chile, que conta a história de um homem que perdeu a perna, os braços... sobrou só a cabeça. "No dia de seu aniversário, o homem pede a sua família: o que me dão de presente? Então ele recebe uma caixa. Ele abre: Não! Outra vez um chapéu!".

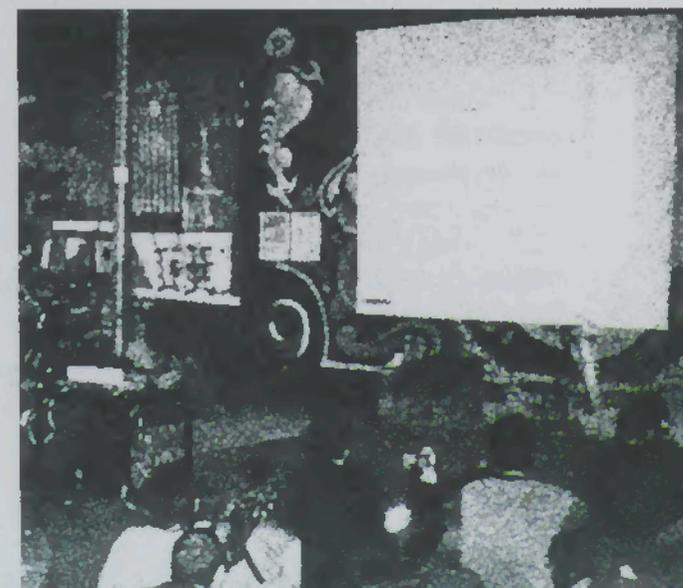
Sim, o cinema tem essa capacidade de contar esse tipo de história, de imaginar um homem-cabeça, vivo. E logo após contar essa piada, Jodorowski diz: "Posso viver o que eu penso que o mundo é, se tudo o que ele me dá, é um chapéu. Eu creio que Freud era um grande fabricante de chapéus".

Se até o final dos anos 80 a geração de Rosito, apesar de enfrentar grandes barreiras para conseguir entrar no universo do cinema, se desdobrava para tornar sua vontade de contar histórias uma realidade, na Buenos Aires de hoje os dispositivos de realização, distribuição, projeção e visualização da sétima arte são muito mais acessíveis, tanto aos realizadores como aos espectadores.

Aos poucos, o cinema nacional de cada país da América Latina, deve ser incluído prioritariamente nas grandes telas, para que - como disse o estudante chileno Ricardo - o público possa sentir essa linguagem próxima: que se identifique com as histórias e aprenda mais sobre seu país, sua cultura, seus problemas.

Bueno, Buenos Aires já está abrindo as portas para o cinema nacional de maneira impressionante. E lá, com certeza, se faz cinema. Muito cinema. Cinema independente de todos os padrões. E *OJALÁ* que os latino-americanos que estão estudando lá, voltem para seus países para produzir e intercambiar mais. E aos jovens hermanos, para que proclamem a independência do cinema latino-americano, quero deixar uma frase do mestre Jodorowsky: "Se estás fazendo arte, seja confiante e faça!". ■

foto: Felipe Rech



Dez anos de histórias breves

# “Deixai-nos morrer, pois nossos deuses já estão mortos”

por Moisés Sbardelotto [msbardelotto@yahoo.com.br]

foto: Moisés Sbardelotto

*Pater noster, qui es in caelis... Panem nostrum cotidianum da nobis hodie...*  
Descansando debaixo daquela figueira, aquele índio ali reza, em silêncio, a mesmíssima oração cristã, a maior delas, que foi rezada hoje de manhã na missa diária da redução em que vive. Estamos em 1635, num pós-meio-dia bastante ensolarado. Pensando em seus antepassados, esse índio quer entender o que trouxe esse novo Deus a estas terras, viajando durante meses mar a fora, o *Pater noster*, que promete a todos o *Panem nostrum*. Um Deus que pôde conceber tantas coisas contraditórias ao longo do tempo, pensa ele. Porém, será que a compreensão desse índio sobre a verdade dos fatos não estaria baseada na autoridade de quem a estava dizendo, ou seja, a dos europeus?

Quando a primeira bota de Cristóvão Colombo pisa as terras de além-mar, em 1492, a conquista das Américas inicia. A população indígena dessa época, afirmam as tendências mais razoáveis, era de 8 a 15 milhões neste Novo Mundo. Chegam então os espanhóis e portugueses, em sua grande maioria católicos, para quem era impensável um mundo fora dos moldes europeu e católico. Por isso, os povos conquistados deveriam escolher: ou ser cristãos, ou ser infiéis e sofrer as conseqüências. Os reis, nesse contexto, tinham o compromisso de tornar católico o Novo Mundo. Por sua vez, os bispos se consideravam ministros a serviço do rei nessa tarefa. Os números referentes a esse processo evangelizador deveriam, por isso, impressionar a Europa – e impressionam até hoje. Frei Bartolomé de Las Casas: “Batizei sozinho 16 milhões no México”. Frei Motolina: “Fiz 8 milhões de batizados no âmbito asteca”.

Os cristãos europeus, por isso, não rejeitaram as religiões indígenas por algo suspeito que elas tivessem em sua doutrina, segundo o teólogo Marcelo Barros. “Rejeitaram porque já chegaram aqui para lutar e acabar com elas. Mesmo que fossem perfeitas. Eles vieram como conquistadores e deveriam impor a religião e a cultura deles”, afirma. Para o assessor teológico do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e presidente da IAMS (Associação Internacional de Estudos da Missão), Paulo Suess, o cristianismo se tornou um fator de poder. “Perdeu a sensibilidade para a alteridade. Quem é dono da casa não pede licença para entrar”, ironiza. Talvez por educação, porém, os soldados iam à frente, para conquistar, e depois seguiam os missionários, para evangelizar. Até por uma questão de não misturar as coisas...

Aquele índio sob a figueira, escondendo-se do sol forte, não conhece a brutalidade com que os indígenas são tratados nas outras regiões do Novo Mundo. Nas reduções, como na que ele vivia, ainda se mantinha algum nível de bem-estar para os índios. Em outras regiões, contudo, em troca das “minas de ouro que não se esgotam jamais”, paraíso anunciado por Marco Pólo, os europeus traziam a catequese e, de brinde, a escravidão aos indígenas. Quando todos os países da América Latina lutavam contra a dominação européia, por exemplo, o papa Pio VII escreveu uma encíclica dizendo que os latino-americanos deveriam obedecer e se submeter aos reis católicos... Rentável obediência! Entre 1503 e 1660, chegaram, somente ao porto de San Lúcar de Barrameda, na Espanha,

185 toneladas de ouro e 16 mil toneladas de prata das terras do Novo Mundo. Terrível conseqüência: os índios das Américas, um século e meio depois do início da colonização, tinham-se reduzido a apenas 3,5 milhões. Os índios, por razões óbvias, preferiam ir para o inferno, onde demônios os tratariam melhor que os europeus, no céu.

## O Cristianismo Popular

Houve, porém, vozes de dentro da Igreja que se levantaram contra essa realidade de opressão aos indígenas. Frei Las Casas é um exemplo. Bartolomé de las Casas agitava a corte espanhola com suas denúncias sobre a insensibilidade e a corrupção dos funcionários reais. Isso só foi possível graças aos leigos, cidadãos comuns, que se misturavam, em todos os sentidos, com a cultura indígena e mostravam o outro lado da moeda. Para o sociólogo do Cehila (Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina), Wagner Sanchez, com o cristianismo oficial, vem também um cristianismo popular, que não teve dificuldade de conviver com as religiões indígenas, até assimilando elementos dessas religiões. Conforme o teólogo jesuíta João Batista Libânio, a religião popular cumpriu uma função de consolo e de animação. “Mesmo com certas formas alienantes, ela possuía germes libertadores”, ressalta.

Poderíamos citar também frei Antônio de Montesinos, Pedro de Córdoba, Cardeal Cayetano, frei Francisco de Vitória, Miguel Hidalgo, padre José Maria Morelos, frei Caneca, no Recife (PE), dentre outros. No Rio Grande do Sul, o índio guarani Sepé Tiaraju defendeu até a morte as terras das Missões. A recusa dos indígenas e dos jesuítas de abandonar a região iniciou a Guerra Jesuítica-Guarani, com um final trágico para as Missões.

Essa luta pela preservação indígena, no entanto, serviu de pretexto para a busca de outros escravos. Frei Bartolomé de Las Casas, para poupar os índios, aconselhou a importação de *una docena* de negros trazidos da África. Para o historiador José Oscar Beozzo, não se negava que ser escravo era um inferno. “A mudança dava-se num outro patamar: o das almas”, diz. Doutor em história pela USP, ele esclarece que, pelo batismo em terras americanas, afirmava-se que as almas dos negros – escravos do pecado na África – poderiam alcançar o céu, embora sua vida presente continuasse a ser um vale de lágrimas. A *docena* de Las Casas, entretanto, transformou-se em 50 mil escravos nos três anos anteriores à Lei Eusébio de Queiroz, que suspendeu o tráfico no Brasil, em 1850. Vendo a realidade do sofrimento dos negros, frei Bartolomé, ao fim de sua vida, arrepende-se amargamente de seu posicionamento inicial.

Aquele índio protegido do sol sob a figueira, apesar disso, não entende como tantas coisas foram acontecendo com o seu povo de um jeito tão rápido. Ele, na verdade, se preocupa com os descendentes dessa realidade que ele vive, mas que não consegue compreender.

## Uma nova teologia

Com o Concílio Vaticano II – reunião da Igreja Católica entre 1962 e 1965 –, há uma mudança de paradigma na Igreja, voltando-se para o mundo e reconhecendo o valor das outras religiões. Para o especialista em sociologia da religião da USP Flávio Pierucci, a Igreja latino-americana começa a ter a percepção de que está perdendo as camadas populares para os partidos de esquerda, para as igrejas pentecostais e aos cultos espíritas e afro-brasileiros. "Sabendo que a maioria da população brasileira é pobre, a Igreja começa a se aproximar cada vez mais dos pobres", diz. Além disso, com a fundação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), em 1952, e as conferências episcopais pelo mundo todo, cria-se um pensamento mais distanciado de Roma – o que era uma ameaça muito forte para o Vaticano. "Essa nova forma eclesial, expressada nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), tornou-se um espaço muito mais participativo, laical e democrático, aberto também às mulheres", afirma Beozzo. Começou a surgir, assim, uma teologia mais comprometida com as lutas sociais, que foi se envolvendo em disputas políticas, opondo-se a todo tipo de opressão.

Embora a Teologia da Libertação, como ficou chamada, germinasse em toda a América Latina – com Gustavo Gutierrez, na Colômbia, o argentino-mexicano Enrique Dussel, o salvadoreno Juan Sobrino, dentre outros –, foi no Brasil que ela alcançou dimensões maiores. Leonardo Boff, Carlos Meister e Frei Betto são alguns nomes de destaque. "Enquanto na Europa se fala sobre Deus, os latino-americanos começaram a falar com Deus e dar a sua vida por esse Deus, que é o outro pobre e explorado. Foi quando a Igreja descobriu que os primeiros destinatários de Jesus não são os pecadores, mas sim os pobres", frisa Paulo Suess. Segundo João Batista Libânio, a base teórica não era marxista. "A fé cristã, que para a leitura marxista

ortodoxa era alienação, na Teologia da Libertação mostrou a sua face libertadora. Nesse aspecto, ela contradisse radicalmente a Karl Marx", explica. Integrante da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo e assessor nacional das CEBs, Marcelo Barros comenta que essa teologia dissociou o cristianismo de tudo o que era reacionário e opressor. "No Brasil, provavelmente não teríamos o atual presidente da República – com todas as contradições deste governo –, não existiria o MST nem muitos movimentos sociais." Para o doutor em história da Igreja e ex-reitor da Escola Superior de Teologia, Martin Norberto Dreher, a Teologia da Libertação partiu de um profundo reconhecimento das omissões da Igreja na América Latina. "Foi um movimento de penitência. Ancorada nessa Teologia, a Igreja teve a ousadia de sonhar um mundo diferente", diz.

## Um Novo Tempo

Nesse contexto, destacavam-se várias lideranças que partem para a luta pela defesa dos povos oprimidos. Uma delas foi o bispo brasileiro dom Helder Câmara. "Dom", como era chamado, fundou a CNBB, além de ter inspirado a criação da Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Dizia ele: "O protesto dos pobres é a voz de Deus". Obteve 32 títulos de Doutor Honoris Causa em universidades de todo o mundo e foi cidadão honorário de 29 cidades brasileiras e uma suíça. Poderíamos falar também de Marçal Guarani, no Brasil, do bispo Girardi, na Guatemala, de Angeleli, na Argentina e, principalmente, de Oscar Romero, em El Salvador. Oscar Romero era arcebispo de San Salvador. Ele foi assassinado há 25 anos, no dia 3 de fevereiro, enquanto celebrava a missa. Romero sabia

que estava marcado para morrer. A miséria e a injustiça que viu na cidade e a morte de diversos auxiliares seus na defesa dos lavradores o levaram a se envolver na luta pela justiça. De acordo com ele, "a glória de Deus é a vida dos pobres".

O que se espera, a partir de agora, é não retornarmos ao passado, quando os missionários não conseguiram escapar da "tentação da imposição da fé cristã", como denomina Beozzo. "Aceitar o batismo significou eliminação das culturas, línguas e religiões locais, nas brutais campanhas de extirpação das idolatrias", diz. Para reagir contra esse impulso, houve uma tomada de posição na Conferência de Santo Domingo, em 1992. Grupos das CEBs de Santo Domingo, indígenas, negros, teólogos e teólogas presentes num lugar de grande simbolismo histórico, a Praça Bartolomé de Las Casas, fizeram algumas proposições. "Muitos erros da Igreja no passado", afirma o texto, "surgiram de um contexto em que havia escassa consciência do pluralismo cultural." Por isso, os pastores pediram perdão aos povos indígenas e aos negros americanos pelas vezes em que confundiram evangelização com imposição da cultura ocidental e quando se serviram do Evangelho para justificar a escravidão, dentre outras coisas. O documento garante também que a Igreja tem consciência de que o perdão é um processo longo. "Consideramos nossa solidariedade incondicional e nosso compromisso com a causa dos povos indígenas e dos negros nas Américas parte integrante da Nova Evangelização."

Foi um passo, uma proposição de um novo compromisso. Aquele índio, ainda escorado na grande figueira, levanta-se e olha a imensidão de sua redução. Reconhece que o *Panem nostrum* existe, até em abundância, e que, por isso, deve existir o *Pater noster*. Com certeza, porém, no fundo de sua alma, ele espera não precisar dizer, nunca!, as palavras dos sábios astecas perante os primeiros 12 missionários franciscanos do México:

Vós dissestes que não conhecemos ao Senhor que está perto e conosco, aquele de quem são os céus e a terra. Dissestes que não eram verdadeiros os nossos deuses. Nova palavra é esta, a que falais; por causa dela estamos perturbados; por causa dela estamos incomodados... somos gente simples, somos perecíveis, somos mortais. Deixai-nos morrer, deixai-nos perecer, pois nossos deuses já estão mortos. ■

QUANTO DA PRA FAZER PAMA

# QUATRO POR TRÊS?

por Helena Priebe Furtado [helenafurtado@yahoo.com.br] e Pedro Monteiro Sevante [pedrosev@gmail.com]

Passou um cara abrindo seu celular bacana. Todos os camelôs da volta fizeram "urrú". S., o capitão da banca que nos abrigou como hóspedes, seguiu a horda dos sons com um sorriso de deboche mesclado com interesse. Tinha capa de couro, e tudo aquilo apenas pareceu extasiar por dois segundos os piratas do centro.

-Pedi falência e tá grandão hoje, viu, qualquer coisa é só abrir falência, concordata.

- Concordata, é que eu concordo que sou incompetente.

- O sol tá lá no prédio já, daqui a pouco não dá mais pra agüentar.

S. veste sua camiseta vermelho *sport club* de sempre, estende guarda-sóis amarelos de plástico com seu nome embaixo, sustentados por rodas de desmanche trabalhadas em serralheria para se adaptar às necessidades. Devem ser 11h, e o sol tomou conta da Rua dos Camelôs, outrora (embora ainda também seja) rua Marechal Floriano Peixoto, quando esta se encontra com a Otávio Rocha, perto de onde os bondes estacionavam no início do século 20, um largo de pedestres de Porto Alegres anteriores.

- R\$ 15.

- Não, R\$ 15 não, R\$ 10.

- Se é assim, eu fico com as duas comigo.

- ...Daqui a pouco ele vai arriar e vai largar as duas por R\$ 10. Quer ver?

J. compra as luvas. S. diz que o vendedor comprou por R\$ 5. Parecem roubadas. Não há luvas em lugar algum na banca de J. Há muitas garrafas térmicas. Quem pedia R\$ 15 era um camelô sem ponto fixo. Eles geralmente vendem o que as bancas não devem. Produtos no topo da lista dos proibidos: óculos, cds, tênis... a lista muda de acordo com a pressão dos comerciantes sobre os órgãos fiscalizadores. Óculos de sol, por exemplo, até o Natal eram a vedete das bancas. Hoje em dia, nem sombra dos óculos de sol.

*Frase rotineira: "cd, dvd, biboquê, sei lá o quê".*

A nova onda é o dvd player. Há um boato de arranjos entre grandes produtoras de eletroeletrônicos que, sem conseguir dar cabo da demanda interna, recorreram a seus "iguais" no Paraguai, para que eles suprissem com suas máquinas piratas o mercado legal. Essa indústria ilegal é tão poderosa que pode produzir os mesmos produtos que sua irmã Sony.

- Cd, cd que procura? Que tu gosta de ouvir?

- Gosto de rap.

Deu um bolo pra escolher. O Invasor, Sabotage, MV Bill...

- Tem funks proibidos?

- Putaria? Tem, mas não posso colocar assim na banca, na vista.

- Vai esse dos Racionais. Amigo, tô fazendo uma pesquisa sobre os camelôs...

- Quer saber da minha vida? É difícil, mas hoje já fumei três. Tu também fumou um, né?

- Ahn...

Os cds são o carro-chefe das vendas e, por consequência, o produto mais apreendido. Todos sabem das movimentações da indústria fonográfica, muito preocupada com a quebra do monopólio na produção dos suportes que levam as canções mais vendidas aos ouvidos de seus fãs. O cd gravado é apenas o final de uma cadeia de distribuição gratuita que assola o mundo inteiro. Megabytes que se transformam nos timbres queridos em qualquer computador com acesso à grande rede. Mas ali, no chão, perto das lojas da Multisom, parecem uma "grande" ameaça.

*Alguém cantarolando: "eu vou ficaaar, ficar com certeza maluco beleza".*

- Tem transcoder?

- Pra quê?

- Pra televisão.

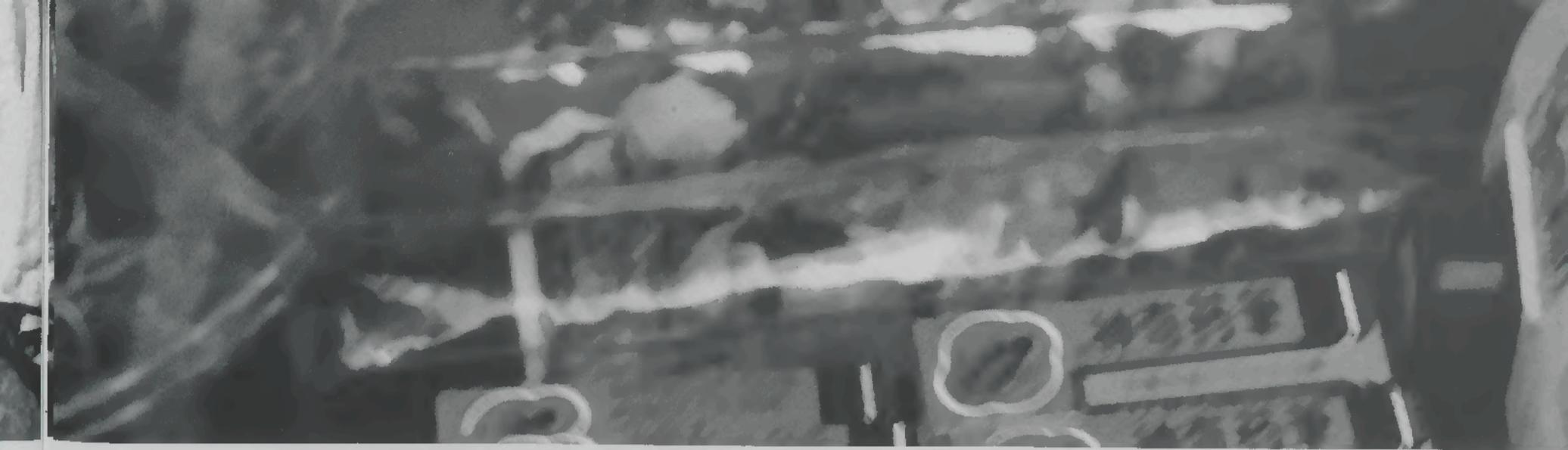
- Aqui vai ser difícil achar.

- Ele falou *transcouderr*, *transcouderrr*.

- TRANSCORNO É TU MALAAA!

FUMA.

TOMA



Quiksilver, Nicoboco, FreeSurf, Mormaii, Billabong, Freeday. Eles ao mesmo tempo arremedam a moda surf dando crédito a ela, o de ser o sustento deles, mas também transformam tudo isso em nada, fazem significar coisa alguma através de uma cópia perfeita. Um paradoxo agradável. Roupas também são uma grande questão: há uma brecha legal para a venda de produção artesanal. O problema é quando essa produção primária sem querer acaba com um símbolo da Nike, ou quando é a produção artesanal de uma fábrica paraguaia que, bem, por acaso também se chama Nike, ou Nikee, ou Nyke.

A maioria deles não sabe por que começou a trabalhar como camelô. Não conseguem explicar porque o motivo real é tão óbvio que não sentem necessidade de expressá-lo. Dizer que as poucas oportunidades que a economia global tecnológica recolhadora de impostos dá a essa parcela menos favorecida da população é o motivo que leva a esse modo de vida é chover no molhado. Assim como constatar que é esse mesmo mercado, que cria necessidades impossíveis para quem não está de fato vivendo seus sonhos, o-pilar de sustentação da venda de seus produtos – realizações de sonhos mais modestos, mais baratos. Que é injusta a livre concorrência entre as lojas que pagam ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e as bancas que não o fazem, bem, é um fato consumado. Mas que é infundado não se ter a viabilidade econômica de uma população no modo legal... tire suas próprias conclusões. Mesmo que se encontrem montados em terra governada pela constituição de um Estado de direito, criam ali, naquele centro apinhado de espectros de cores, bugigangas e cheiros de comida barata uma terra de ninguém – assolada vez que outra pelas vagas de fiscais que varrem o local. Uma relação que inibe a ousadia completa. Ainda assim, permite seu bom funcionamento, o fora-da-lei.

A impressão que fica é que são os praticantes do comércio de pequena escala os únicos afetados pela venda desordenada e pirata de tudo que se possa imaginar (e querer!). De um lado, os comerciantes, que reclamam da apropriação dos espaços públicos, da venda de produtos muito baratos nas suas portas. Do outro, os camelôs, investindo seus ganhos na incerteza de se obter o sustento de produtos ilegais. A pirataria das marcas em si parece não abalar a credibilidade ou a fonte de renda de seus proprietários. Quem procura um tênis da Adidas dificilmente quer um substituto de quatro listras com design igual. Quem compra esse substituto está tentando se enquadrar em um grande esquema de fabricação de necessidades que se origina no modo como nos relacionamos com as fábricas de desejo. São os tais dos *valores impostos*, propagandas que muito prometem felicidade com estudos bem feitos sobre as ambições de seu público-alvo.

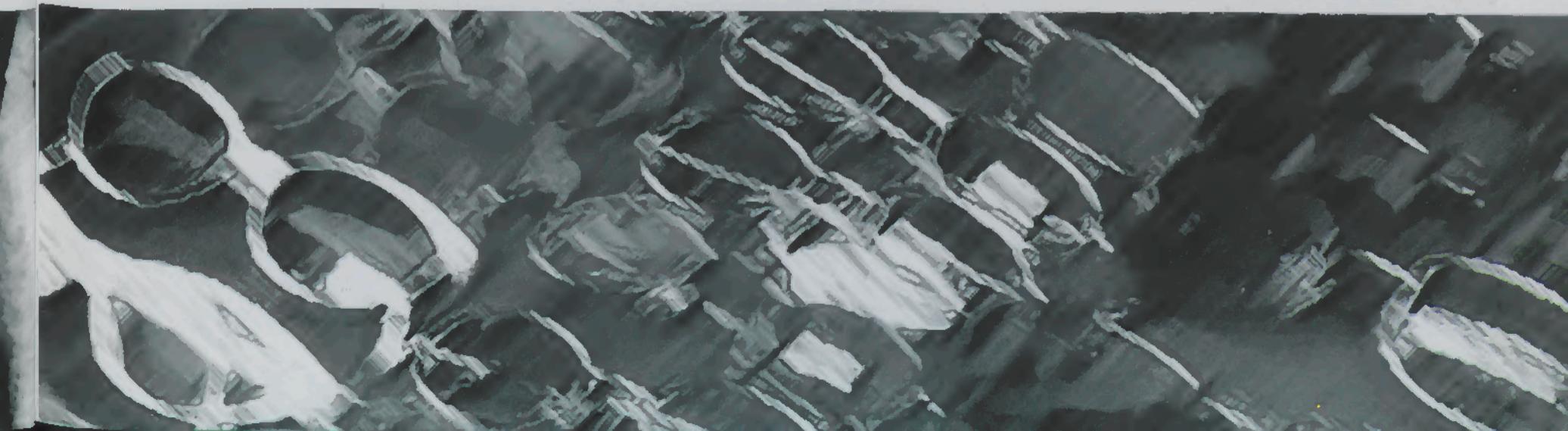
A banca de S. reflete um conjunto de objetos fundamentais para garantir uma vida com possibilidades de plenitude consumista. São frentes em cores infantis para celulares, luvas listradas, hidratantes para peles surradas, fios e

fios, fileiras de guarda-sóis, jogos de videogame para jovens cada vez mais virtuais, radinhos que acompanham a corrida da geração saúde, fones de ouvido para extensas viagens nos ônibus da metrópole e gravadores de voz para estudantes de comunicação. Uns em cima dos outros, custando o que os bolsos podem pagar.

Há um projeto sendo discutido pelo governo Fogaça para levar o largo dos camelôs a um shopping center, um prédio abandonado e reformado em lugar incerto. Uma perspectiva de futuro negra – as ruas e seus passantes formam a base da venda dos camelôs. Discute-se se por acaso haveria um grande atrativo de público em um shopping desse tipo, já que o comércio na rua é oportunístico. S. sente-se ameaçado, é "uma merda". O Sindicato dos Camelôs tenta arrumar uma forma de diálogo entre as partes interessadas, pois teme que a mudança acabe em imposição.

Era uma manhã límpida e com boa luz. A cidade acordava, os camelôs iniciavam a rotina. Céu azul, pessoas ocupadas. Aparecer nas fotos atrai os ambulantes.

- Vai sair no Diário Gaúcho!
- Não, é pro meu departamento de marketing.
- Vai sair na Globo!
- Não dá bola pra eles.
- Eu não dou. ■



Já li inúmeras vezes este texto. Sempre fica a impressão de que é a primeira vez que tenho contato com o *Palavras Aprisionadas*. (Re)descubro uma nuance e um sentido novo para essas idéias. O tempo passa e parece que tudo ganha uma maior atualidade. Como entender o que nos rodeia? A realidade é tudo o que nos rodeia. A busca com sensibilidade. Steimbeck e Lévy-Strauss. E o que é o texto objetivo? O trabalho dos policiais do texto. Qual seria o sentido contemporâneo da escrita? Como sair desse sufoco? Como chegar às palavras libertárias?

Wladimir Ungaretti

# palavras aprisionadas

por Marcos Faerman

**1 O REPÓRTER E SUA PERPLEXIDADE** O repórter tem diante de si a realidade. A realidade é a indagação a ser feita. A realidade é a natureza e os outros homens. Como entender o que nos rodeia? Como entender os conflitos, as mentiras aparentes, as verdades ocultas? Que instrumento usar no momento da descoberta? Que instrumentos usar na hora da revelação?

**2 SAINDO DA ABSTRAÇÃO** A realidade pode ser um homem encolhido, à beira de um rio. O repórter é um homem em disponibilidade. Esta é quase a sua essência. Ele está à disposição dos "chefes", do jornal em que trabalha. Cumpre horários, ordens. Num dia qualquer, numa hora qualquer, é mandado para um lugar qualquer. É sempre assim. Ele poderá, assim, ter diante de si este homem ajoelhado no barro, olhando o rio. O repórter olha para este homem. Quer saber a sua história. A reportagem pedida: a vida de uma aldeia, à beira de um braço de rio corroído pelo mercúrio que mata os peixes que alimentam os homens.

**3 O REPÓRTER E SUA PERPLEXIDADE** O repórter recebe ordens. O repórter diante da pauta de trabalho. Os problemas de um Estado diante da poluição. O que dizem as autoridades. O que diz o povo. O que dizem os donos das indústrias. As técnicas do repórter: a papel, a Bic, o gravador. Os olhares das pessoas para ele - é como o olhar do homem no rio - não dá para esquecer. O pescador fala com uma linguagem que lembra o vento a bater nas águas. Uma canoa parada no rio, uma rede. O olhar um pouco louco do homem. O olhar do repórter para as mãos dele. Mãos cortadas pelo barro.

**4 OS DIREITOS DO REPÓRTER E DO JORNAL** Olhando para o pescador, lembranças de um outro repórter, James Agee: "Parece-me curioso, para não dizer obscuro e totalmente aterrorizante que pudesse ocorrer a um grupo de seres humanos, reunidos através da necessidade e do lucro, numa empresa, num órgão jornalístico, intrometer-se intimamente nas vidas de um indefeso e arruinado grupo de seres humanos, uma ignorante e arruinada família rural, com o propósito de exibir a nudez, a humilhação e a inferioridade destas vidas, em nome da ciência, do "jornalismo honesto", da humanidade e do destemor"...

**5 SAINDO DA ABSTRAÇÃO** O repórter em busca da realidade. Com a sua sensibilidade. Com a sua insensibilidade. Em nome de uma Empresa Jornalística. Ouvindo histórias das vidas dos outros. Sugando dos outros, a única coisa que eles tem, além dos próprios corpos, nus: uma história, a sua perplexidade, as suas dúvidas, as mínimas certezas. O repórter e sua própria pobreza. As dúvidas, as pequenas verdades, o grande medo. E o que lhe disseram ser "jornalismo". É a linguagem que lhe disseram ser "jornalística". Como esta linguagem se adequa aos olhos e às mãos daquele homem, à beira do rio?

**6 AS LEMBRANÇAS DO REPÓRTER** "Tudo isto me parece curioso, obscuro, aterrorizante", disse certa vez James Agee. James Agee. Um repórter. Morreu há dez, quinze anos. Era um garoto quando a *Life* lhe pediu as histórias de algumas famílias rurais, na época da Depressão, nos Estados Unidos, onde nasceu uma espantosa reportagem, "E Louvemos Agora os Grandes Homens". A *Life* rejeitou a reportagem, por considerá-la anti-jornalística. Agee descrevia até o pesado sono dos trabalhadores rurais. Construiu um documento eterno. Um relato à altura de Steimbeck, Faulkner, John dos Passos. Quem quiser saber alguma coisa sobre a vida camponesa deve ler este relato, publicado em livro. Trinta anos depois seria publicado numa coleção de Antropologia, ao lado de Lévy-Strauss. Da rejeição pelo jornalismo oficial à glória. (As famílias camponesas assassinadas em nome do jornalismo, renasceram.)

**7 O REPÓRTER E SUA FORMAÇÃO** Todas estas idéias nascendo na cabeça do repórter a partir da questão da linguagem na imprensa. A certeza que o repórter tem, de que para muitos colegas o mito do texto anti-jornalístico ainda vive. A questão do "texto objetivo". A pergunta: que texto é este? Onde nasce, com quem cresce esta "técnica"? Onde e como nasceram estas idéias de objetividade e neutralidade? Uma resposta possível: este texto jornalístico, esta linguagem fluente nos jornais e revistas, surge com a estruturação da imprensa em forma de empresa/ imprensa; empresas ligadas diretamente a determinada forma de organização da sociedade, o capitalismo. A linguagem da imprensa norte-americana se disseminando pelo mundo. A expansão de um Império e das linguagens que o justificam.

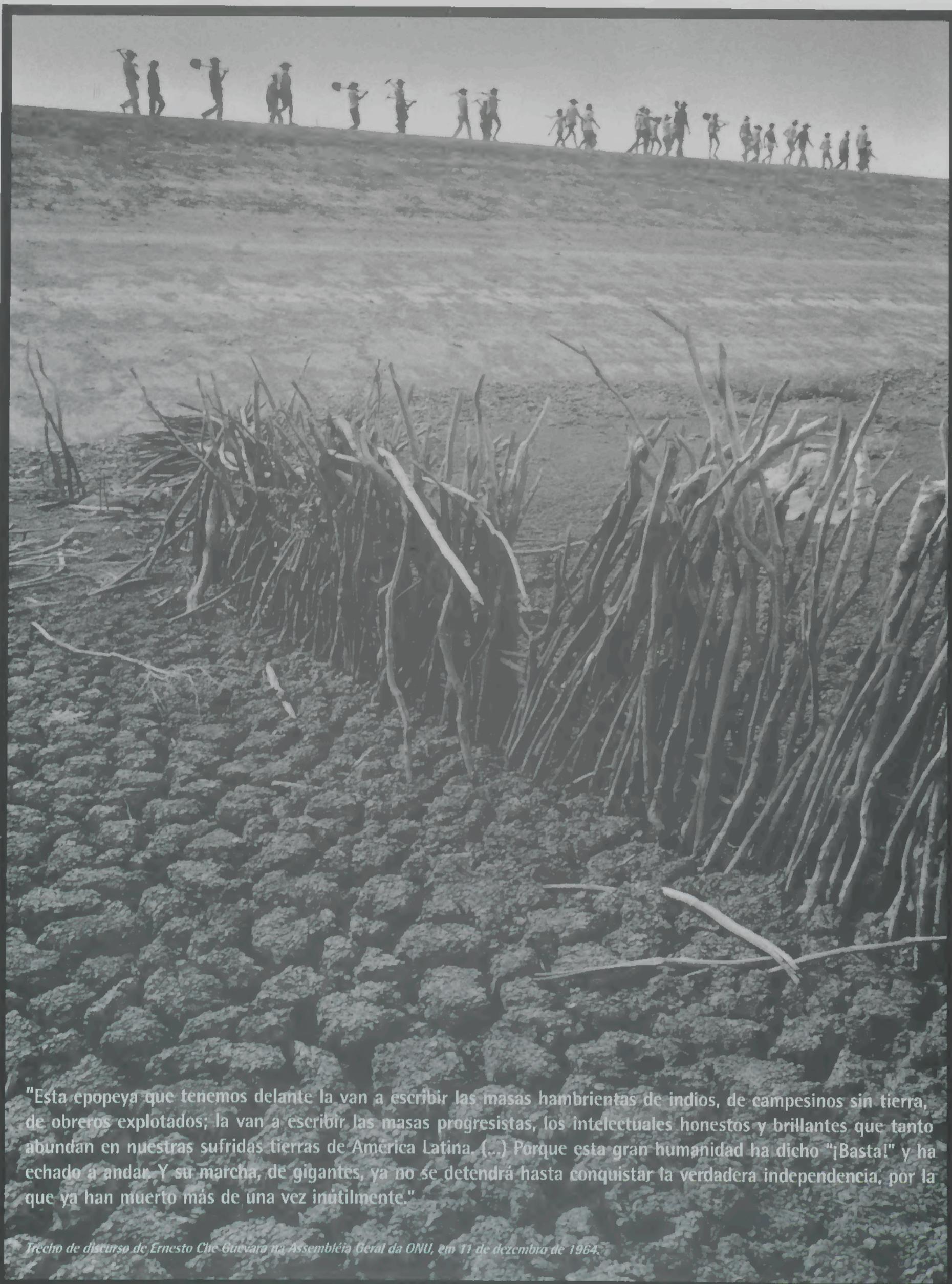
**8 AINDA A FORMAÇÃO DO REPÓRTER** A linguagem oficial da imprensa é defendida por muitos jornalistas. Ou não discutida. Ela é implantada nos jornais, por jornalistas. O Vigilantes do Texto. As vezes, os Policiais do Texto. Uma arma na mão, a caneta. O direito de modificar o texto. O texto nasce do olhar do repórter (e de tudo o que vai por sua cabeça). Mas um olhar que não baixou à realidade pode modificar o texto. A defesa de uma linguagem. O esquecimento de que "a linguagem vem sempre de algum lugar". De que a linguagem está sempre referida a uma classe social, a um grupo humano. E que há uma linguagem do poder, como há uma linguagem de crítica ao poder. O quanto pode a linguagem do poder se disseminar pela realidade toda, preenchendo até a linguagem dos sonhos, até se tornar a linguagem aparentemente neutra, objetiva? (Barthes. Barthes. Barthes.) A linguagem do poder alcançando até os últimos espaços do senso comum. Pensar em tudo isso. E ainda analisar a forma como esta linguagem se confunde com a expressão jornalística.

**9 SAINDO DA ABSTRAÇÃO** O retorno ao rio, àquele homem. A responsabilidade diante dele, daquele momento. A necessidade: saber ouvir, saber descrever. A linguagem pode chegar ao real? (Discussões: o que é o real, etc.) O jargão Jornalístico/Econômista/Sociológico pode captar esta realidade? Mas é aquele homem que devemos descrever, não uma abstração! Será que é ser "literato" abrir meu mundo para aquele homem, absorver a sua realidade, a sua linguagem - i achar as palavras certas para revelá-lo? E uma outra idéia: a relação entre as palavras que surgem da máquina de escrever, e aquele homem,

**10 FICÇÃO E REALIDADE** Algumas idéias, a partir de James Agee. Numa novela, uma casa ou uma pessoa tem seu significado, sua existência, a partir do escritor. No jornalismo, uma casa ou uma pessoa tem apenas o mais limitado dos seus significados através do repórter... Outra questão; o jornalismo é um método de trabalho, não uma linguagem. Carlos Fuentes, James Agee, Galeano, Heródoto, René Chateaubriand, Norman Mailer, Euclides da Cunha - eis os nomes de alguns repórteres. O jornalismo de Agee é menos literário do que sua ficção? O jornalismo de Norman Mailer é menos literário do que sua ficção? O jornalismo é um método: trabalho como instrumento de descoberta de uma realidade, com formas próprias, anotações, pesquisa. Outra idéia: os intelectuais de gabinete, catedráticos, preservando a arte e a literatura com Maiúsculas. Esquecendo - em nome do Elitismo - o sentido contemporâneo da escritura.

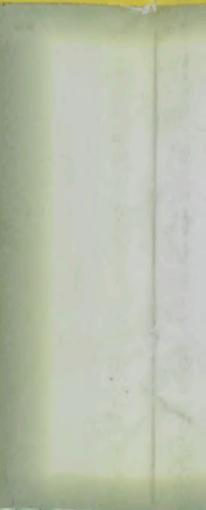
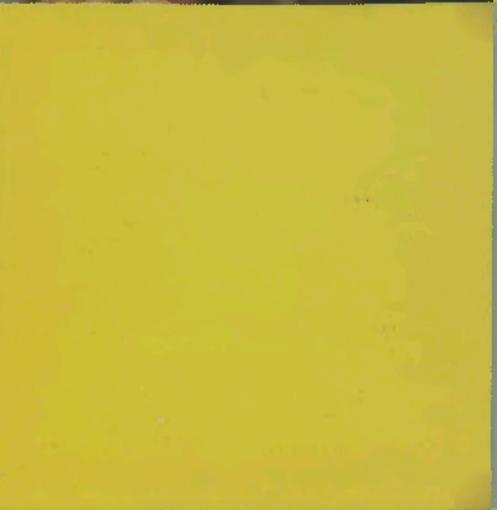
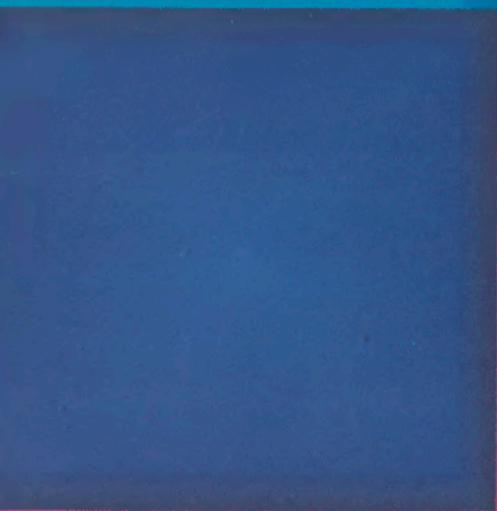
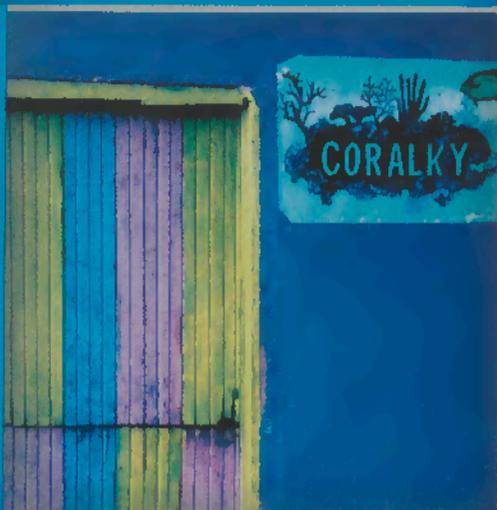
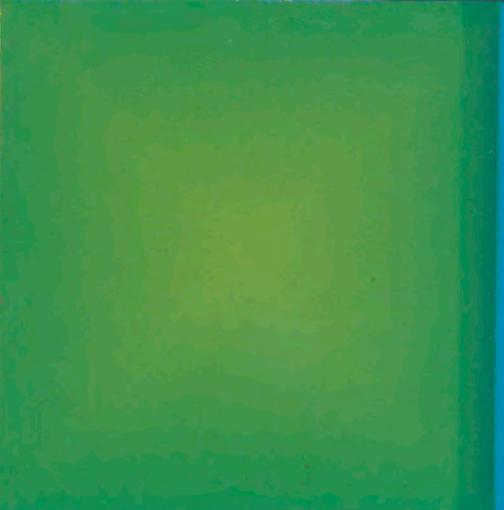
**11 MANIFESTO DE LIBERTAÇÃO DA PALAVRA** A busca de uma realidade exige uma linguagem capaz de captá-la. Esta linguagem não é uma fuga. (Tese dos populistas 'chulos, 'contra os revolucionários chucros). É o único caminho para nos levar à débil captação de uma sociedade e de suas contradições. E da única coisa que interessa: o ser humano sufocado em sua vontade de ser. ■

"As Palavras Aprisionadas" é um texto publicado no livro "Com as Mãos Sujas de Sangue", de Marcos Faerman, o Marcão, em 1979, pela editora Global.



"Esta epopeya que tenemos delante la van a escribir las masas hambrientas de indios, de campesinos sin tierra, de obreros explotados; la van a escribir las masas progresistas, los intelectuales honestos y brillantes que tanto abundan en nuestras sufridas tierras de América Latina. (...) Porque esta gran humanidad ha dicho "¡Basta!" y ha echado a andar. Y su marcha, de gigantes, ya no se detendrá hasta conquistar la verdadera independencia, por la que ya han muerto más de una vez inutilmente."

*Trecho de discurso de Ernesto Che Guevara na Assembléa Geral da ONU, em 11 de dezembro de 1964.*



fabico  
2005/1